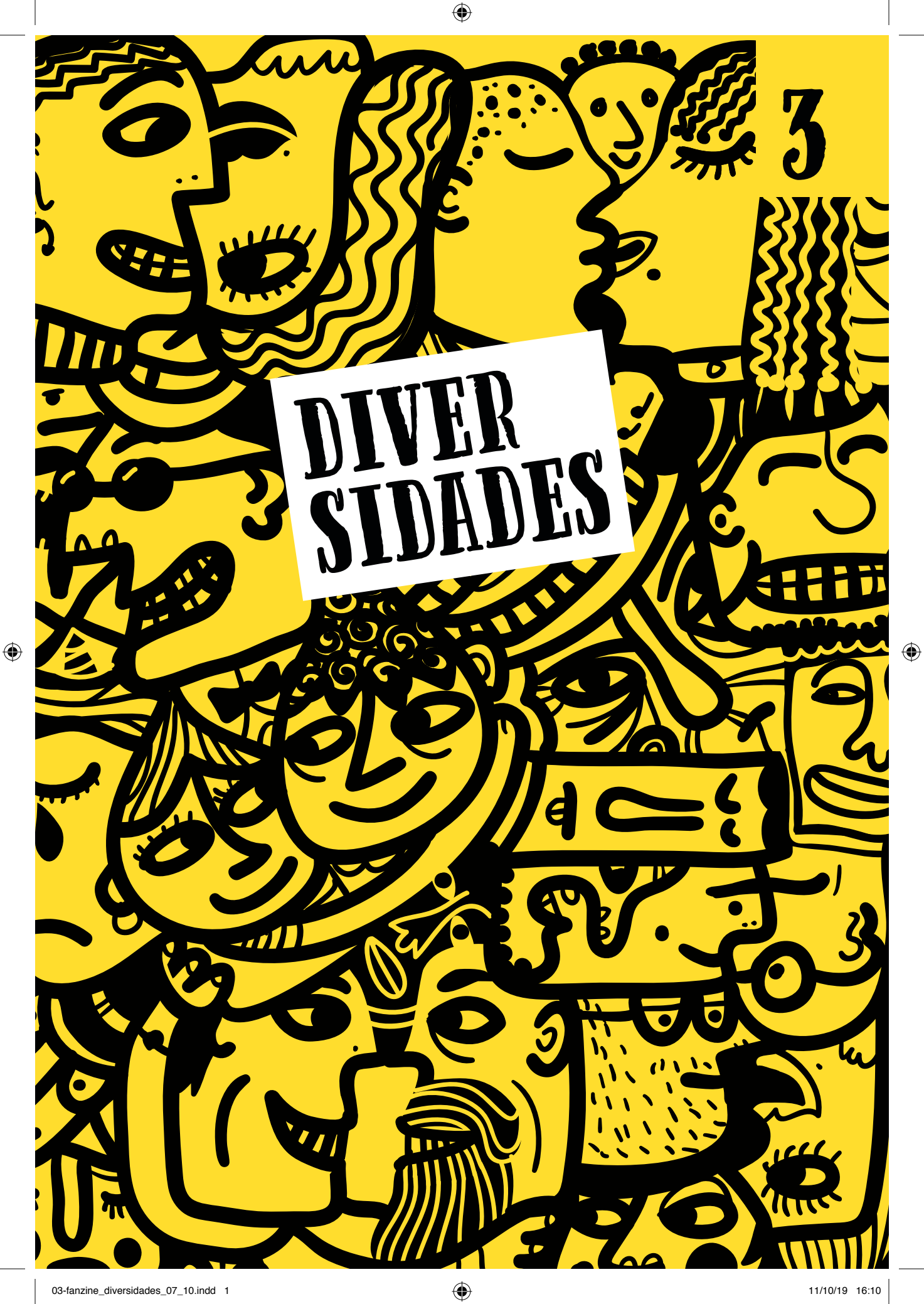
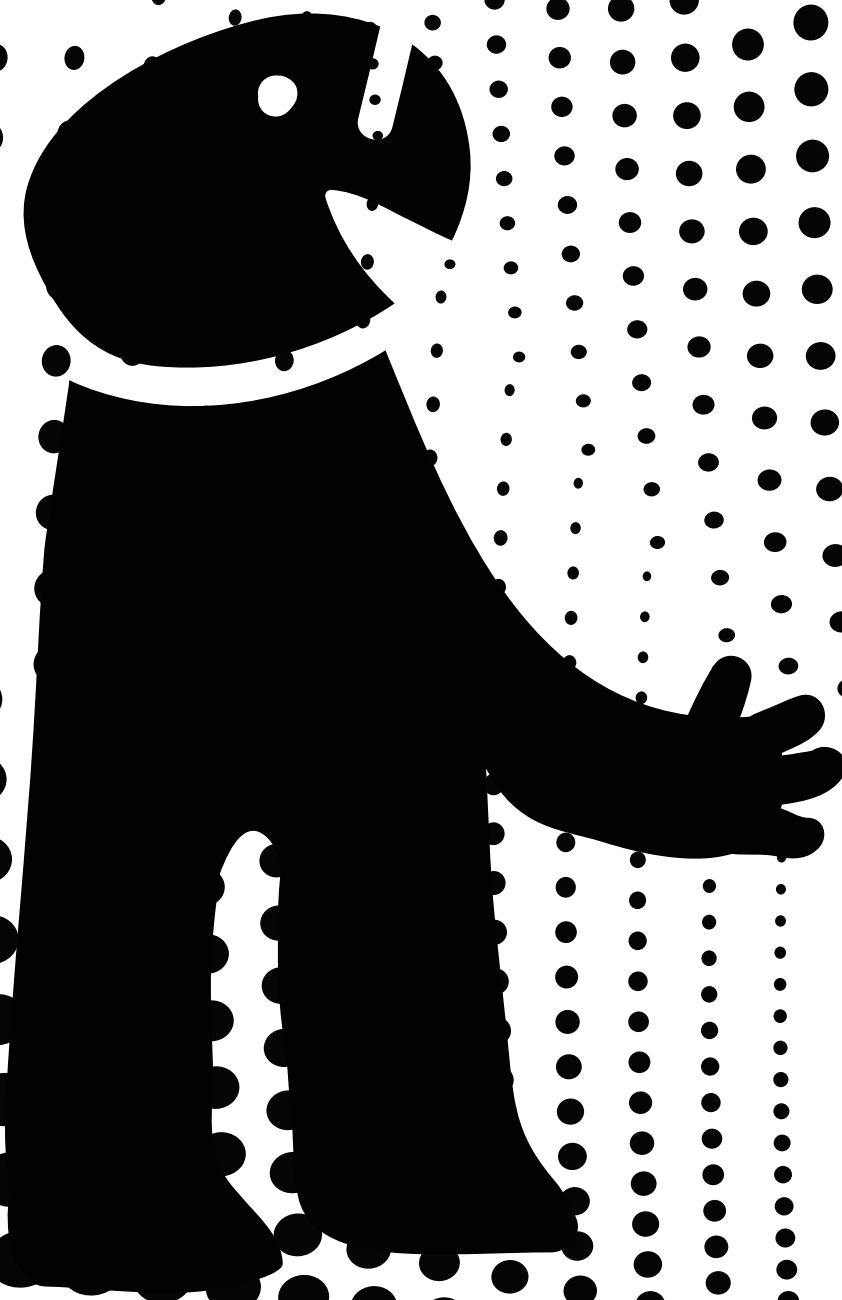




DIVERSIDADES

0
PROJETO



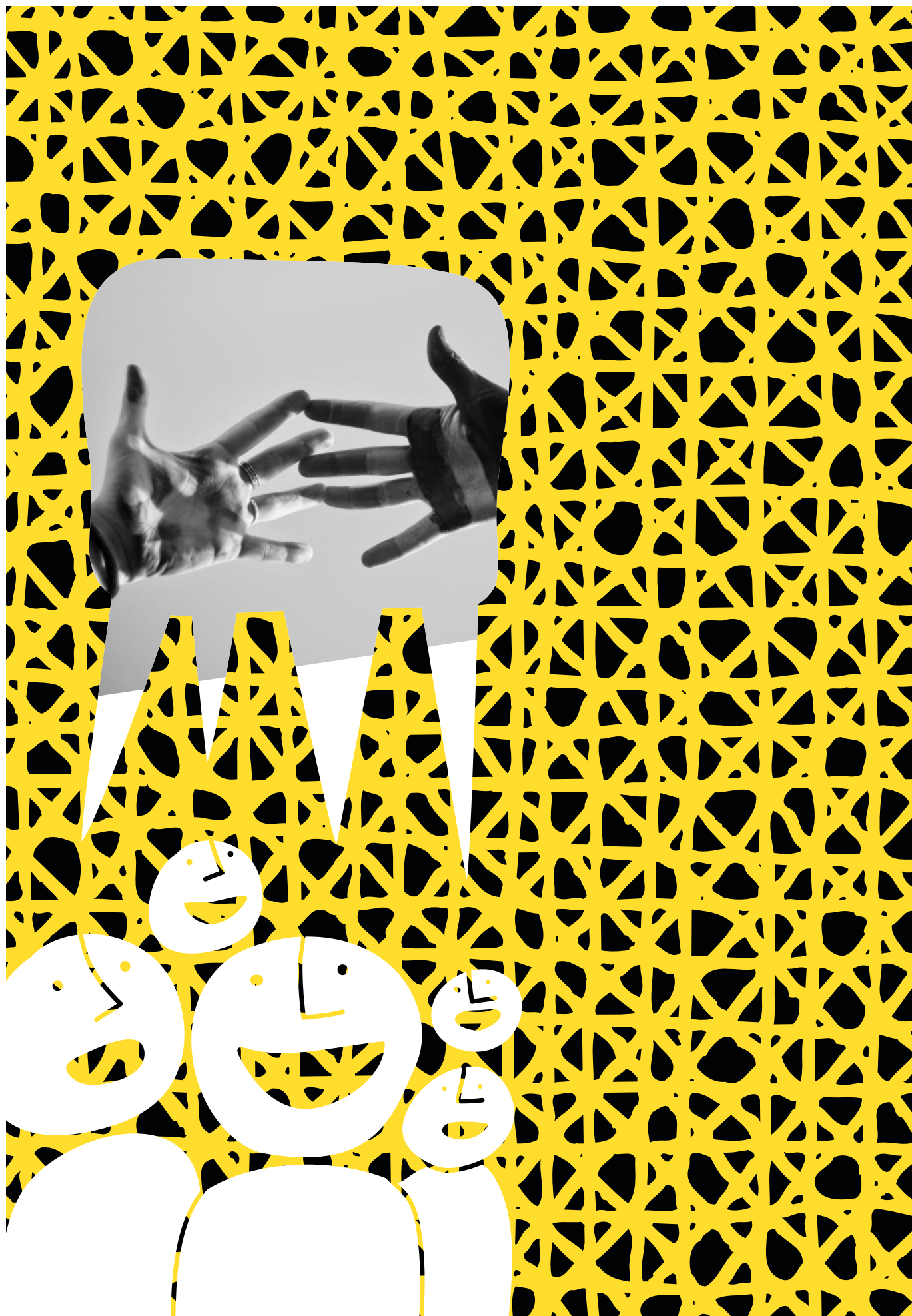
A violência tem consequências físicas, psicológicas e sociais para quem a vivencia, bem como para as suas famílias e comunidades, nomeadamente quando falamos de vítimas crianças e adolescentes. No Brasil, apesar dos serviços oferecidos pelo Estado, o acesso a eles é dificultado por uma série de obstáculos – como a distância física dos mesmos, a necessidade das crianças e dos adolescentes serem acompanhadas por uma pessoa responsável e a dificuldade em dar respostas efetivas a tantas demandas complexas e específicas. Dentro deste contexto, a escola pode ser um espaço importante para prevenir, identificar e agir perante situações de violência, não só pelo tempo de permanência dos jovens na escola, mas pela possibilidade de se criarem múltiplas estratégias para lidar com essas situações.

Sabemos que o investimento no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes tem um impacto fundamental na sua vida adulta e na qualidade das relações que estes irão estabelecer (Cunha, Heckman, Schennach, 2010; Lannen e Ziswiler, 2014). Estes autores constataam que pouca atenção tem sido dada aos fatores de risco psicossociais como a violência doméstica, estrutural e urbana que pode afetar a infância de modo danoso. Os estudos sugerem que a exposição das crianças e adolescentes à violência urbana e doméstica pode colocá-los em maior risco ao nível de problemas relacionais, tais como comportamento agressivo, redução dos níveis de desenvolvimento sócio emocional, além de afetar o comportamento futuro em relação aos próprios filhos (Walker et al 2011) e de poder ter repercussões significativas sobre a sua saúde, desenvolvimento e bem-estar (Lannen e Ziswiler 2014; ICRW e Instituto Promundo 2012).

O *Programa J: Trabalhando com jovens para prevenção de violências* foi desenvolvido no âmbito do Projeto Jovens pelo Fim da Violência. Este projeto piloto encerrou seu ciclo de 3 anos em dezembro de 2017 e foi financiado pelo Fundo Fiduciário das Nações Unidas de Apoio às Ações para Eliminação da Violência contra as Mulheres, (UNTF). O projeto teve por objetivo construir uma intervenção com base em metodologias já testadas e comprovadas para prevenir a violência contra jovens em cenários de alta violência urbana (Brasil) e pós-conflito (República Democrática do Congo). Inspirado nos Programas H, M e Living Peace (Instituto Promundo) e do Programa Expect Respect (adotado em escolas públicas de Austin, EUA), além da criação de conteúdos originais, desenvolvemos um currículo flexível e com uma abordagem interseccional para trabalhar a prevenção de violências com a juventude.

Através destes quatro Programas, e de outros subsídios e referências na área da violência de gênero, no Rio de Janeiro fizemos um processo de desenvolvimento participativo de metodologia, em parceria com um grupo multidisciplinar de profissionais (psicólogas/os, professores/as, assistentes sociais e pesquisadores/as) do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas (NIAP) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) e do Núcleo de Atenção à Violência (NAV)¹. Após quatro ciclos de implementação de oficinas nas escolas alcançamos um total de quase 500 jovens e 150 professoras(es) e outras/os profissionais com atuação em meio escolar.

¹ ONG especializada no atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência.



O resultado desse processo de (des)construção intensa e coletiva foi a criação desta Caixa de Ferramentas Didáticas, composta por 5 volumes, que discutem questões relacionadas a comunicação, relacionamentos, raça, gênero, participação juvenil e diversidade, relacionando-os com a temática geral da Violência. Encontra-se em desenvolvimento um 6º volume, dedicado exclusivamente ao debate sobre raça, etnia e gênero, pois apesar de adotarmos uma abordagem interseccional em todos os volumes, após 3 anos de projeto compreendemos que a discussão desses temas precisa de todos os reforços possíveis. Tendo em conta todos os desafios do contexto, nosso objetivo principal consistiu em desenvolver um material de utilização flexível e versátil para ser utilizado por profissionais que já desenvolvem ou queiram desenvolver algum trabalho com jovens, seja na escola seja em outros espaços socioeducativos, visando o debate e a reflexão sobre as inúmeras formas de violência.



SOBRE O PROMUNDO

O Instituto Promundo é uma organização não-governamental fundada em 1997 no Rio de Janeiro, que atua no Brasil e internacionalmente para promover a igualdade de gênero com foco no envolvimento de homens e mulheres. Transformar normas e dinâmicas de poder relacionadas ao gênero é um fator estratégico para prevenir violência, promover saúde e relações igualitárias entre diferentes grupos. Com base em pesquisas, o Promundo busca identificar os fatores que levam à desigualdade de gênero e aqueles que contribuem para a transformação dessa realidade. Assim, são criadas, testadas e avaliadas metodologias para envolver homens e meninos e favorecer o empoderamento de mulheres e meninas, utilizando esportes, escolas, unidades de saúde, empresas e outros espaços. As pesquisas e o resultado da avaliação dos programas e ações desenvolvidos pela organização são utilizados para influenciar políticas públicas que possam aumentar o impacto na transformação das relações de gênero. Para mais informações, acesse: **www.promundo.org.br**



ÍNDICE DO MATERIAL

3	O projeto
5	Sobre o Promundo
8	Iniciando a conversa
11	Nosso posicionamento
13	Diversidade(s): o que é isso?
31	Religião e Violência
35	Atividade 1 – Dialogando com imagens
36	Atividade 2 – Explorando o entendimento da orientação sexual
38	Atividade 3 – Sentir, pensar, agir
41	Atividade 4 – Expressões das diversidades
44	Atividade 5 – Discutindo silêncios
47	Atividade de curta duração – Como inserir esta discussão em sala de aula?
48	E se?
50	Como fazer um fanzine
56	Dicas
62	Serviços
65	Fechamento
67	Glossário



INICIANDO A CONVERSA

Sabemos o quanto o seu dia é cansativo e o quanto são solicitadas uma série de tarefas, como: preparar as suas aulas e/ou atividades, lidar e resolver situações que fogem do seu planejamento, corrigir provas, testes, exercícios, ir à reuniões e ainda dar conta de atividades extraclasse e de todos os outros compromissos do seu cotidiano.

Este material não surge para sobrecarregar o seu dia, pelo contrário, ele tem como objetivo apresentar a discussão de um tema, propor atividades, dar algumas dicas, sugerir algumas ideias, apontar possíveis caminhos estratégicos para manejar situações que podem ser complexas e contribuir com a sua prática profissional.

Queremos que esta seja uma fonte de consulta para quando surgir a discussão de um tema que permeia a adolescência e a juventude. A ideia é ser apenas uma fonte, justamente para você poder consultar, se informar, mas também ter a liberdade de criar e se apropriar deste material, conforme as suas próprias experiências e o local em que está atuando. Afinal, você é a melhor pessoa para construir soluções para questões que aparecem no seu dia a dia na escola.

Cada volume desta Caixa de Ferramentas apresenta um tema específico, dentro do tema geral da Violência. Porém, você também poderá articular as discussões entre os temas específicos, de acordo com as necessidades percebidas por você. Todos os cinco volumes estão interligados e fazem sentido, tanto juntos, quanto separados. Então: sinta-se à vontade para explorar este material da forma que for mais útil.

Este volume, em específico, aborda o tema “Diversidade(s)”. Aqui, iremos discutir as diversas formas de se relacionar com outras pessoas, além de questionarmos como entendemos algumas formas de relacionamento como padrão, ou seja, como uma única forma se relacionar. Forma essa que é vista como normal, enquanto estranhemos outras formas de nos relacionarmos ou da relação de outras



peças. E por que será que outras configurações de relacionamento nos causam estranhamento? De onde vêm esses conceitos que formamos previamente e naturalizamos em nosso cotidiano?

Além disso, também vamos discutir direitos sexuais e reprodutivos, trazendo informações importantes para as discussões dentro das escolas. Afinal, nada melhor do que informação para a promoção do cuidado com a saúde sexual e o cuidado com o corpo.

Nós acreditamos que podemos ser diferentes entre nós e que somos livres para estarmos no mundo como quisermos, sem que tenhamos de vivenciar situações de violência, por exemplo. Consideramos fundamental que se tenha respeito por cada pessoa e seu jeito singular de existir. Mas será que todas as pessoas podem ser aquilo que desejam? Será que na prática é assim que funciona com todo mundo? Todas as pessoas têm o direito de se expressar e de se colocar no mundo como querem?

Por falar em prática, é importante pontuarmos sobre essa parte essencial do nosso trabalho. Nós sabemos que não é fácil colocar em exercício tudo aquilo que aprendemos ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, refletir criticamente e ter um posicionamento ético. Este trabalho demanda tempo, faz parte de um processo e precisa sempre ser questionado. Portanto, gostaríamos de pontuar que, para nós, uma postura ética², passa por fazer leituras, discussões das situações e de se posicionar sem que nossas opiniões pessoais limitem a liberdade de outras pessoas e restrinjam os direitos de determinados grupos sociais. Enfatizamos, então, que acreditamos e buscamos trabalhar visando uma sociedade totalmente equitativa e justa, um mundo mais vivível para todas as pessoas.

Aproveite o conteúdo e curta a leitura! :)

² Para saber mais sobre questões relacionadas à ética, ir para o *Volume 1 – Construindo vínculos: a força dos coletivos*



NOSSO POSICIONAMENTO

Antes de iniciarmos a discussão deste volume é importante falarmos sobre qual é o nosso posicionamento e o que nós buscamos e acreditamos. Nós, pessoas que elaboramos e pensamos neste material, entendemos que em qualquer produto elaborado, qualquer projeto ou discurso, tanto explícito, quanto implícito, sempre haverá um posicionamento, isto é, não acreditamos que exista a tal da imparcialidade. É comum pensarmos que não falar sobre algo ou se isentar de tomar alguma atitude é ser imparcial ou neutro. Contudo, entendemos que não falar sobre algo ou não tomar nenhum partido também significa uma tomada de posição, já sendo uma forma de se posicionar. Assim, uma vez que estamos **escolhendo** falar de um ponto de vista sobre algo, logo estamos nos posicionando frente aquele tema e/ou debate.

Vamos pensar assim: A elaboração de um material com determinada discussão ou o nosso discurso sobre uma temática é como contar uma história, é uma forma de narrarmos uma trajetória, um acontecimento. Quando contamos essa história, estamos falando de nosso ponto de vista, daquilo que vimos, achamos, sentimos, não gostamos, gostamos, acreditamos, buscamos, etc. Por isso, é importante falarmos sobre qual ponto de vista estamos contando essa história, pois assim fica mais honesto e as pessoas que estão ouvindo/lendo a nossa narrativa conseguem saber que estamos falando de um lugar específico e qual lugar é esse. Pensando nisso, e reforçando o nosso posicionamento ético e honesto, o que estamos fazendo neste tópico é justamente tornar evidente qual nosso ponto de vista e o porquê falamos de tal forma.

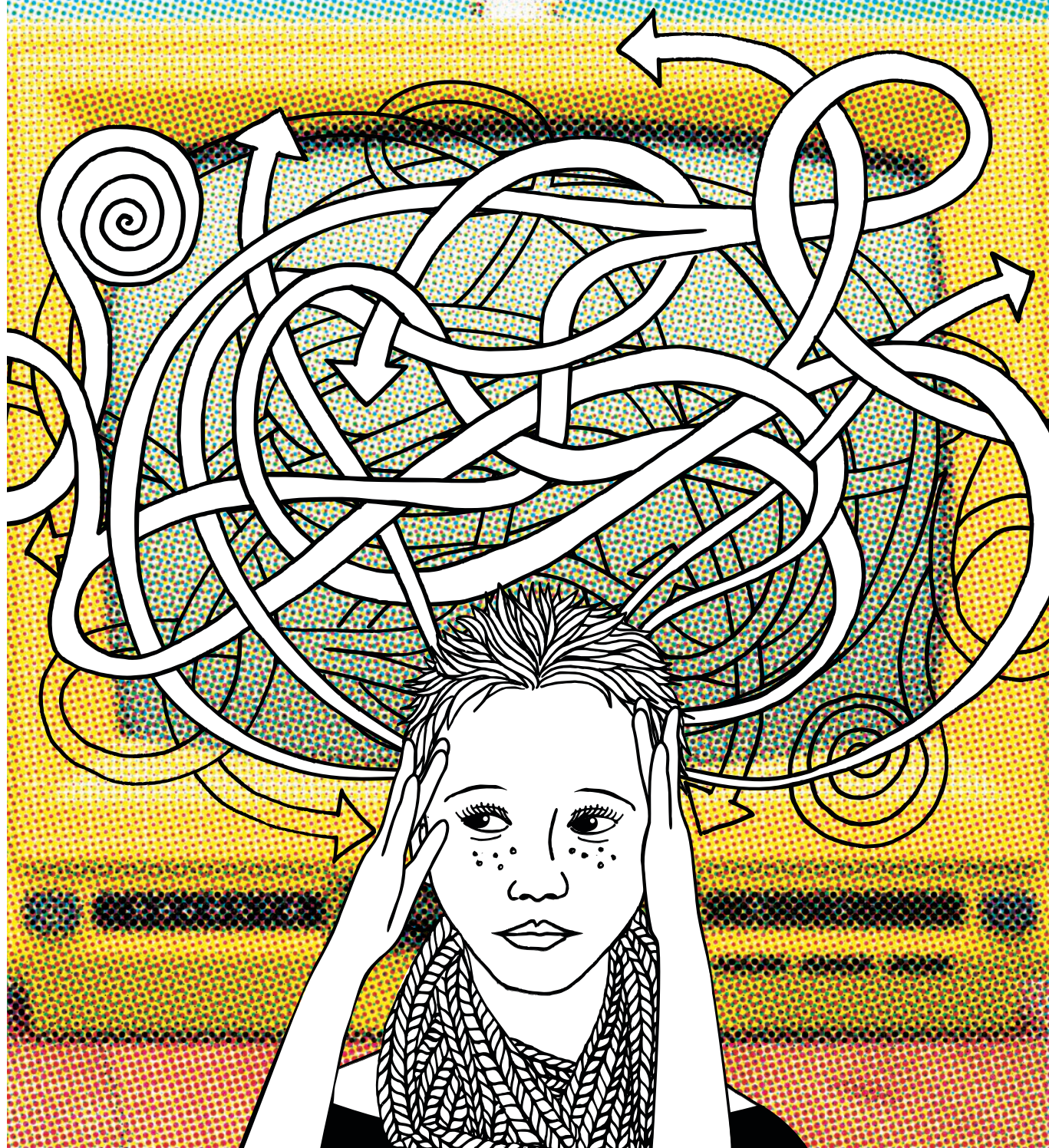
Assim, gostaríamos de deixar explícito que entendemos ser necessário discutir algumas questões que, normalmente são esquecidas no nosso dia a dia e estão naturalizadas socialmente, para a construção de uma sociedade mais igualitária. Para nós é importante falar e se posicionar sobre as questões de gênero, por entender que a violência de gênero é uma epidemia³ no Brasil. Portanto, utilizar a linguagem a/o, falar sempre que possível da violência contra a mulher, como também debater sobre a violência que acomete as pessoas LGBTQs, as pessoas negras, faz parte da nossa ideia de falar sobre assuntos que usualmente são esquecidos, não só nos espaços escolares, mas na sociedade de forma geral.

E, por isso, **escolhemos** nos posicionar a partir de uma perspectiva que busca combater as violências, tentando informar a partir do nosso posicionamento, em quais momentos e de que forma certos discursos e atitudes podem ser ofensivos, violentos e causar sofrimento em algumas pessoas.

3 Fonte: <https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-convoca-america-latina-a-acabar-com-feminicidios/>

DIVERSIDADE(S):

O QUE É ISSO?



Os programas televisivos, como novelas, filmes, seriados, telejornais, fazem parte da cultura brasileira e a televisão foi um instrumento que se popularizou de tal forma que é visto como um dos meios de comunicação mais democráticos que existe. Esta popularização fez dela um grande produto de entretenimento, aquele que causa espanto quando não tem na casa de alguém. As pessoas se organizam para assistir algum programa em específico, famílias se reúnem e partilham momentos em frente à televisão e muitas informações são transmitidas através deste tipo de mídia. Assim, o fácil acesso e a propagação da televisão em nossa cultura é capaz de produzir efeitos reais na vida das pessoas.

É bastante comum ouvir comentários e opiniões sobre algo que foi visto na televisão em ambientes de trabalho, em círculos de amizade, no jornaleiro, em filas de banco, na padaria, na escola e em diversos outros locais. Ou seja, a repercussão daquilo que é transmitido não fica restrito ao lar, atingindo todos os ambientes públicos e sociais. A vida das pessoas é afetada pelos acontecimentos televisivos e eles são levados para outros espaços e circulam entre os grupos sociais, fazendo com que seja perceptível a influência da televisão na vida das pessoas e de como ela faz parte do cotidiano popular.

Se pensarmos o exemplo das telenovelas, veremos que elas são produtos que narram uma história, retratando a vida das pessoas e suas diversas experiências. Contudo, podemos refletir: será que os inúmeros programas televisivos realmente representam a vida de todas as pessoas da nossa sociedade? Será que as histórias reproduzidas abarcam a pluralidade humana? Alguém poderia responder que não é possível uma novela representar todas as pessoas, o que de certa forma é uma resposta válida e um argumento aceitável. Porém, podemos, ainda assim, questionar: quais vidas são retratadas nas narrativas televisivas e de que forma essas vidas são apresentadas? Como essas narrativas são recebidas pela maioria da população?

Normalmente, as famílias apresentadas são compostas pela equação: Homem + Mulher = Filho e/ou Filha. O homem tem o papel de provedor da casa, enquanto a mulher, mesmo que atualmente trabalhe fora, ainda fica responsável pelo cuidado das crianças, do marido e do lar. As crianças, no ambiente familiar, são nitidamente tratadas e educadas de formas diferentes por serem meninos ou meninas. As meninas se apresentam comumente sendo delicadas, frágeis e inseguras e os meninos ativos, exploradores do mundo e fortes. Quando há uma exceção a esses comportamentos normalmente há sempre muitos comentários sobre a personagem, ou seja, não passa despercebido. Essas famílias em sua maioria também são brancas e quando a representação é de uma família considerada rica, as trabalhadoras do lar e as babás são pessoas negras. Podemos nos perguntar: Este modelo de família apresentado representa as famílias? Todas as famílias são assim? Que tipo de família fica de fora ou é excluída destas representações? Atualmente, existem outras formas de organização familiar? Se sim, porque elas são pouco representadas?

É interessante fazermos estes questionamentos para começarmos a refletir sobre a existência de outros arranjos familiares. Além das famílias mononucleares, existem famílias compostas por tios e tias, por avôs e avós que cuidam de suas/seus



netas/os como filhos e filhas, família com duas mães, família com dois pais, famílias adotivas, famílias com uma mãe e sua(s) criança(s) ou um pai e sua(s) criança(s). Enfim, existem diversas configurações familiares, no entanto, apenas a família mononuclear é difundida como exemplo e modelo de família.

Não somente as mídias apresentam esta representação única, mas a escola e outras instituições da sociedade se baseiam na família nuclear. É só pensarmos que tipo de composição familiar vem à nossa cabeça quando ouvimos a palavra “família”. Dificilmente iremos pensar em uma família composta por um dois homens e uma filha, sendo a ideia e a imagem associada à da família composta por Homem/Marido, Mulher/Esposa e Filho(s) e/ou Filha(s).

E por que isso acontece? Porque será que quando pensamos em família, a imagem que geralmente nos vem é a da família mononuclear? Existem várias explicações, até mesmo históricas, para explicar este fato, contestando a naturalização desta representação. E um dos pontos principais que auxilia a resposta deste tipo de questionamento tem como base a dificuldade de compreensão e de reconhecimento da existência da diversidade sexual. Para melhor entendermos, vamos definir o que é a diversidade sexual.

Diversidade sexual é a expressão usada para designar as várias formas de vivência e expressão da sexualidade humana. E a orientação sexual faz parte da composição da diversidade sexual.

Pensando nas questões escolares, Maria Rita de Assis César (2009) analisa que “alunas/os e professoras/es *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais compõem a diversidade contemporânea da instituição escolar; entretanto, para esta institui-



ção que nasceu disciplinar e normatizadora, a diferença, ou tudo aquilo que está fora da norma, em especial, a norma sexual, mostra ser insuportável por transbordar os limites do conhecido” (2009, p. 48). Ou seja, a autora analisa que ainda que seja possível encontrar muitas pessoas LGBTQs nas escolas, essa instituição ainda violenta essas pessoas, uma vez que a sociedade marginaliza tudo aquilo que foge das categorias normativas sexuais e de gênero.

A dificuldade de reconhecer as distintas formas de expressar a sexualidade contribui para a ideia de que só existe um tipo de família, pois a família concebida como universal, natural⁴ e normal é a família mononuclear heterossexual. Aquela geralmente representada por vários meios de comunicação, ensinada na escola, incentivada por algumas religiões e educada através de várias instituições sociais. É por isso que, por exemplo, o chamado “beijo gay” na novela *Amor à Vida* (2013) da Rede Globo teve tanta repercussão, assim como o “beijo lésbico” na novela *Babilônia* (2015).

A atriz Fernanda Montenegro deu a seguinte declaração diante de tanta repercussão: “Foi através das novelas que essa temática conseguiu entrar na casa das pessoas”. Estas novelas abordaram a diversidade da sexualidade humana e apresentaram uma orientação sexual diferente da heterossexualidade. A partir disso, refletimos: Será que se fosse o beijo de um casal considerado “normal”, as pessoas fariam tanto ao ponto da novela questionar se transmitiria o beijo ou não? Por que

4 Naturalização: Refere-se ao modo como comportamentos, valores e concepções são transmitidas através de homens e mulheres, em um determinado momento histórico e, são justificados como sendo independentes a qualquer intervenção humana, isto é, fazem parte de uma natureza imposta a todos os seres humanos. O perigo da naturalização está na crença de que a sociedade e suas regras sociais não podem ser alteradas, modificadas e transformadas, uma vez que ela é tida como inquestionável.

não existe este tipo de repercussão e questionamento para as demonstrações de afeto dos casais heterossexuais? E o que é Orientação Sexual? Quais são as outras Orientações Sexuais?

A **Orientação Sexual** é a atração sexual e/ou afetiva que uma pessoa sente/manifesta em relação à outra pessoa e tem a ver com o direcionamento de seu desejo. Existem três tipos de orientações sexuais mais conhecidas e predominantes. São elas:

- **Heterossexual:** Pessoa que sente atração afetiva e/ou sexual por pessoas do gênero oposto.
- **Homossexual:** Pessoa que sente atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo gênero. Geralmente, este termo é utilizado tanto para homens gays, quanto para mulheres lésbicas. Porém, o movimento de mulheres lésbicas tem reivindicado o termo “Lesbianidade” para conceitualizar a sua orientação sexual, de modo a explicitar as particularidades e diferenciar as formas de preconceitos que acometem homens gays e mulheres lésbicas.
- **Bissexual:** Pessoa que se sente atração afetiva e/ou sexual por pessoas de ambos os gêneros.

Durante muitos anos, a homossexualidade foi categorizada como uma patologia, sendo vista como um desvio do comportamento humano ou como uma perversão e, por isso, era comumente chamada de homossexualismo, pois o sufixo “ismo” denota doença. Em 17 de maio de 1990, a homossexualidade deixou de ser considerada doença mental pela Organização Mundial de Saúde (OMS), sendo retirada do Código Internacional de Doenças (CID). E desde 1974, a Associação Norte-Americana de Psiquiatria (APA) se posicionou formalmente, afirmando que a homossexualidade não é um distúrbio mental, alterando a concepção patologizante de uma das formas de expressar e vivenciar a sexualidade humana. No entanto, apenas em 1993 o termo “homossexualismo” foi substituído pelo termo “homossexualidade”. E, no contexto brasileiro, só em 1985, a homossexualidade foi retirada da categoria de desvios sexuais pelo Conselho Federal de Medicina (Gênero e Diversidade na Escola, 2009).

O reconhecimento da homossexualidade, sob o ponto de vista médico e psicológico, como sendo somente uma das diversas maneiras de expressar a sexualidade foi muito importante. Esse reconhecimento fez com que as/os profissionais da saúde deixassem de ter embasamento e legitimidade científica para patologizar uma pessoa homossexual. No entanto, ainda falta muito para que a homossexualidade deixe de ser rotulada, marginalizada e violentada, tendo em vista os altos índices de violência contra as pessoas LGBTI uma vez que a patologização da homossexualidade produziu violências e tem consequências até os dias atuais. Por exemplo, muitas pessoas ainda acreditam que ser gay ou lésbica é uma patologia e que é possível “pegar” essa doença, evitando inclusive de conviver com pessoas que não são heterossexuais por acreditarem que se tratam de pessoas anormais.



O Brasil é o país que mais mata homossexuais: uma pessoa homossexual é morta a cada 28 horas, liderando o ranking de homofobia, de acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB)⁵. No ano de 2015, segundo o Relatório anual de 2015 - Assassinatos de LGBTI⁶ no Brasil⁷, 318 homossexuais foram assassinados. Estes crimes são incluídos dentro da definição de Homofobia, em que pode ser definida como o desprezo, medo, aversão ou ódio contra pessoas homossexuais.

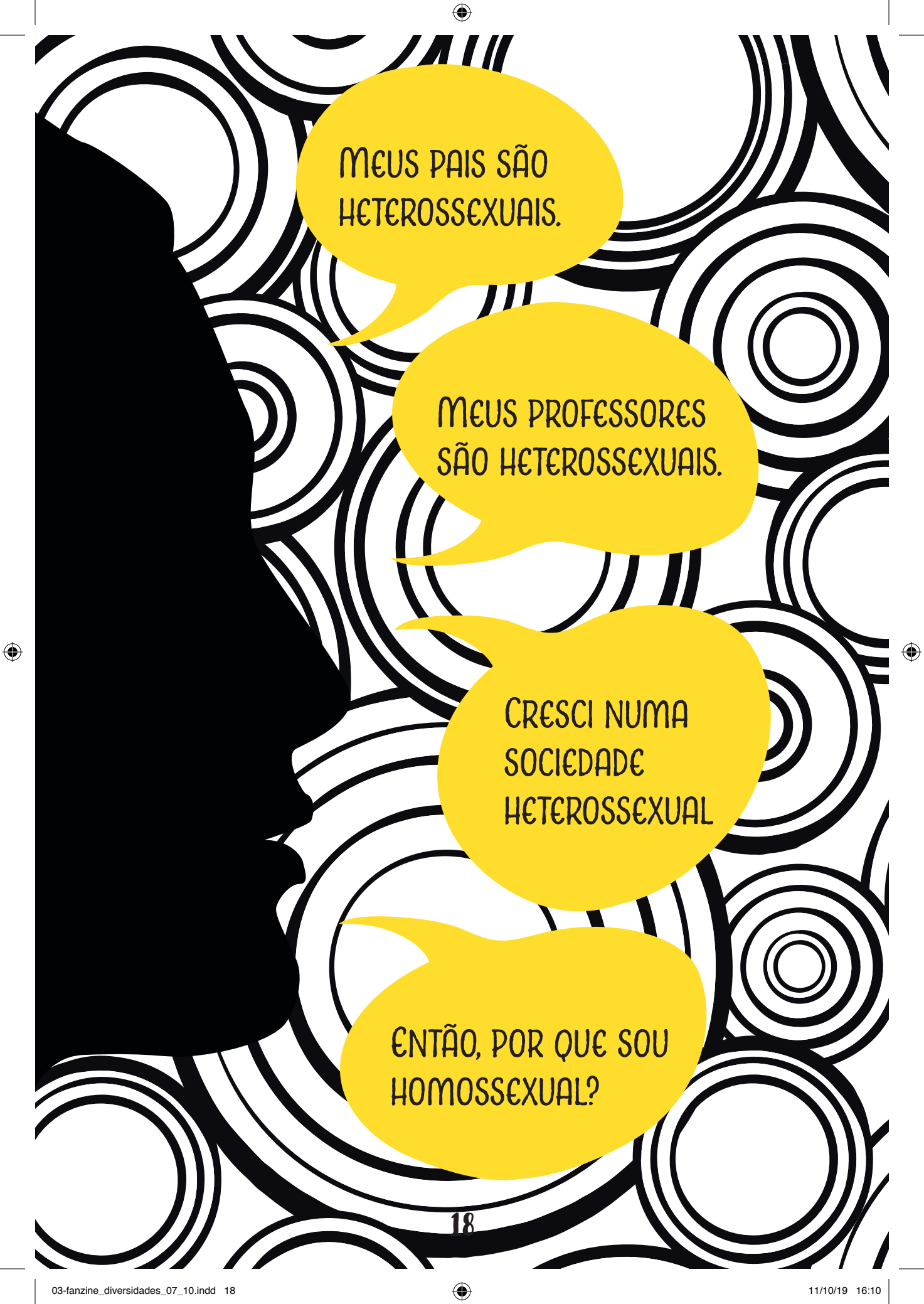
Este termo é utilizado para se referir ao preconceito e/ou discriminação motivada pela orientação sexual de gays, lésbicas (lesbofobia) ou bissexuais (bifobia). É por causa deste ódio que existem atualmente 76 países onde a homossexualidade é ainda é tida como um crime e, em cinco deles, sendo Irã, Arábia Saudita, Mauritânia, Iêmen e Sudão, uma pessoa pode ser condenada à morte somente pelo fato de desejar e amar outra pessoa do mesmo gênero, segundo a Associação ILGA Portugal - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgênero⁸.

5 Fonte: <http://www.ggb.org.br/assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20brasil%202011%20GGB.html>

6 LGBT - Movimento social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, intersexual.

7 Fonte: <https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/2015-2/>

8 Fonte: <http://ilga.org/>



MEUS PAIS SÃO
HETEROSSEXUAIS.

MEUS PROFESSORES
SÃO HETEROSSEXUAIS.

CRESCI NUMA
SOCIEDADE
HETEROSSEXUAL

ENTÃO, POR QUE SOU
HOMOSSEXUAL?

Podemos pensar o quanto é absurdo pessoas serem mortas, discriminadas e excluídas de espaços por serem homossexuais em pleno século XXI. Mas, infelizmente, este tipo de violência ainda afeta essas pessoas, suas vidas e, também, suas famílias, de forma brutal e irreversível. Além da violência física ou, em última consequência, do assassinato, existem outros tipos de violências⁹ que atingem a população LGBTI¹⁰ e precisam ser debatidos por toda sociedade.

Trazendo novamente o exemplo do início do texto, da repercussão dos beijos de casais homoafetivos que foram transmitidos através de novelas, podemos questionar: o que foi que esses casais fizeram que estava fora do comum dentro de um relacionamento? Casais não se beijam? Casais não demonstram carinho e amor um/a pelo/a outro/a?

No Brasil, temos o costume de encostarmos uns nos outros até mesmo em cumprimentos formais, seja por um aperto de mão ou beijo no rosto. E dependendo da situação e da pessoa que encontramos, abraços também são um meio pelo qual se cumprimenta alguém, demonstrando afetuosi-
dade pelo encontro ou pelo fato de estarmos conhecendo uma nova pessoa. Dessa forma, fica evidente que nós fazemos parte de uma cultura em que o contato físico é bastante corriqueiro e comum.

Em relação a maneiras de demonstrar afeto, nós também costumamos comunicá-lo através de toques e aproximação entre os corpos. E da mesma forma que não é ilegal um casal heterossexual demonstrar afeto em público, com abraços, andar de mãos dadas, olhares apaixonados, beijos, também não o é para um casal homossexual. Contudo, quais são os casais que não passam por situações constrangedoras e/ou violentas por estarem demonstrando afeto em espaços públicos? Por que ocorre esta discriminação e preconceito?

Um dos motivos principais que influenciam estas micro-violências, pelas quais casais homossexuais passam constantemente¹¹, se apoia na *Heteronormatividade*. Esse termo apresenta a construção da ideia bastante propagada sobre a certeza que todas as pessoas são heterossexuais e que isto tem

9 Para saber mais sobre o tema de Violência(s) ir para o Volume 4 – *Poder, Relações e Violências*

10 Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais e Intersexuais

11 Se pesquisarmos no Google notícias relacionadas à Homofobia, veremos que em sua maioria a motivação para violência foi porque os casais homoafetivos estavam se beijando, abraçando, demonstrando afeto na rua.

a ver com a natureza/biologia, ou seja, todas as pessoas nascem heterossexuais, sendo este o padrão normal da sexualidade humana. A partir desta perspectiva, homossexuais, lésbicas e bissexuais são vistos como desvios da normalidade sexual. O pensamento de que se “nasce macho” ou se “nasce fêmea” e que, certamente, este par oposto e binário é o correto e que a única possibilidade de sentir desejo é para o gênero oposto se constitui como norma social, tendo em vista que a heterossexualidade é vista como regra.

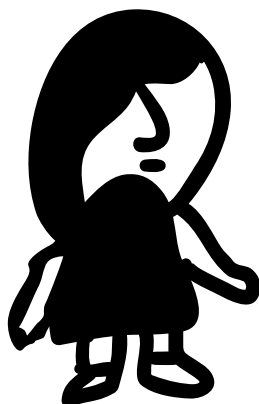
É de extrema importância refletirmos sobre estes conceitos, como Heteronormatividade, Diversidade Sexual e as diversas Orientações Sexuais para conseguirmos, aos poucos, ir quebrando com concepções fundamentadas em preconceitos e que limitam a liberdade das pessoas serem, sentirem e amarem quem elas quiserem.

PARA DE FORÇAR A AGENDA HETERONORMATIVA NAS CRIANÇAS.



TODAS AS MENINAS
IRÃO SE APAIXONAR
POR ELE!

QUE GRACINHA! ELE
JÁ ESTÁ PAQUERANDO
AS MENINAS!



OH, VOCÊ CONVIDOU
UM MENINO? ELE É SEU
NAMORADO?

ELA É TÃO
MENININHA, SEMPRE
FALANDO!

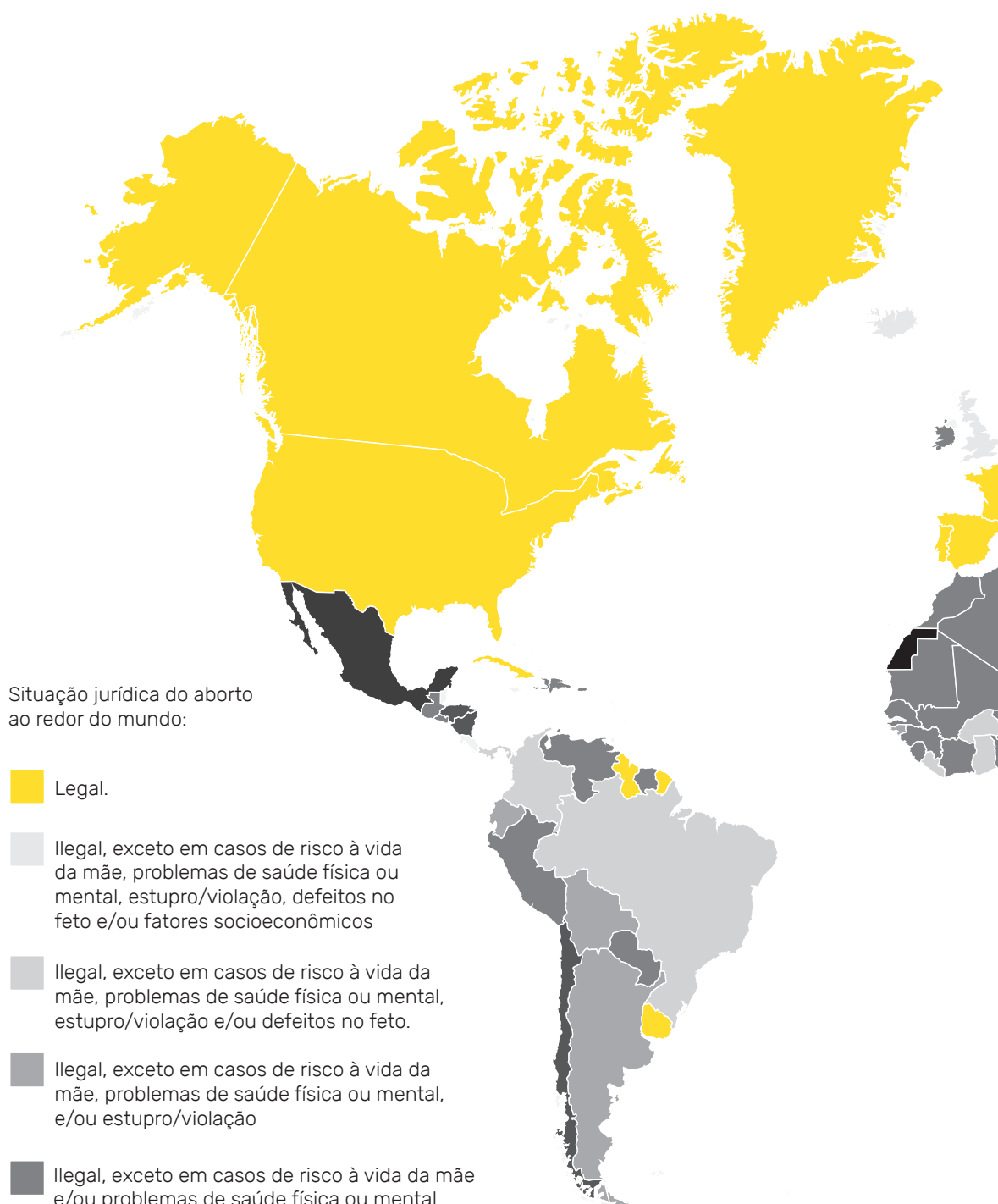
DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

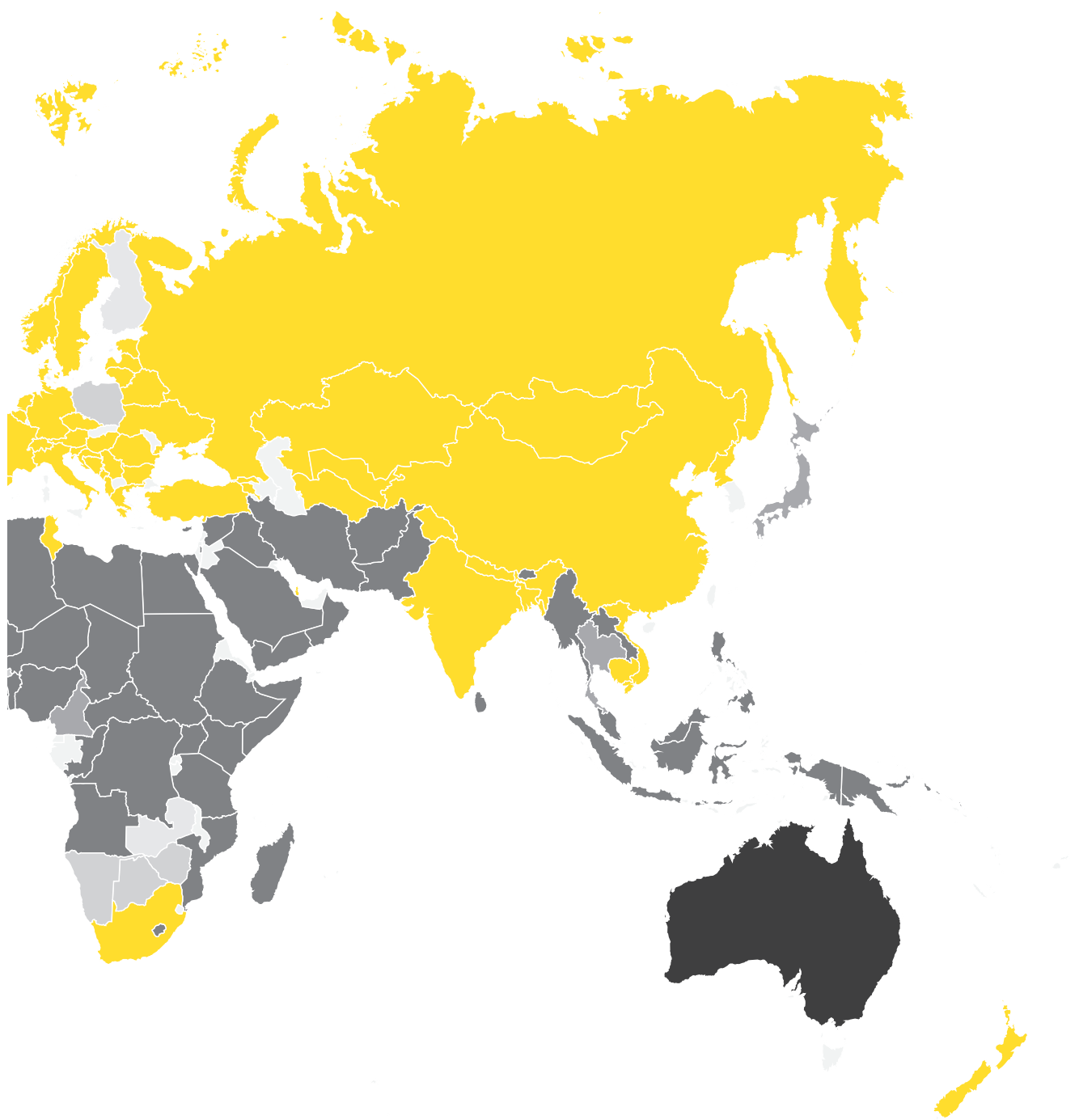
Aborto - Aborto é sempre um assunto que causa polêmica, não é mesmo? É só começar a falar sobre esse tema que muitas pessoas começam a se justificar e dar opiniões que muitas vezes são baseadas em questões morais e religiosas. Contudo, é importante destacar que aborto nada tem a ver com uma opinião particular. Você pode ser contra e nunca fazer um aborto. No entanto, o aborto é uma questão de saúde pública e deve ser garantido de forma segura e digna para todas as mulheres.

Na discussão sobre a questão do aborto, sabe-se que o aborto já é realizado, sendo ele legalizado ou não. Mulheres sempre abortaram ao longo da história, mesmo ele não sendo legal no Brasil. E não é a legalização do aborto que irá estimular que mais mulheres o façam, como se fosse simples passar por esse processo. Nos países em que o aborto é legalizado é comum ver dados relatando o quanto o número de abortos realizados diminuiu depois da legalização. Esse tipo de dados nos faz pensar na importância da legalização, do acesso à informação e do debate de forma aberta e honesta sobre o corpo da mulher, as práticas e responsabilidades sexuais e o aborto¹².

A diferença muita das vezes está em quem consegue realizar um aborto seguro e em quem coloca sua vida em risco para conseguir abortar. Mulheres que possuem uma condição financeira privilegiada conseguem abortar em locais preparados para este tipo de intervenção, enquanto mulheres que não possuem esses recursos, ficam a mercê de práticas precárias e perigosas para sua saúde. As consequências de um aborto inseguro são hoje a 5ª causa de morte materna no Brasil.

¹² Para mais informações, ver: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/02/13/O-que-aconteceu-ap%C3%B3s-10-anos-de-aborto-legalizado-em-Portugal>.





MAIS DE 1 EM CADA 5



DAS MULHERES
ENTREVISTADAS
JÁ REALIZARAM

ABORTO ANTES DE COMPLETAREM 40 ANOS

PERFIL DE QUEM ABORTA

70%

DAS MULHERES QUE ABORTAM NO BRASIL VIVEM **RELAÇÃO ESTÁVEL**. SÃO ESCOLARIZADAS, **TÊM 20 A 29 ANOS**, NO MÍNIMO UM FILHO E, EM 51% DOS CASOS, SE DIZEM CATÓLICAS.

29MIL ABORTOS
A MENOS POR ANO
NO **URUGUAI** APÓS A
DESCRIMINILIZAÇÃO

NÚMERO PASSOU DE
33 MIL POR ANO
PARA APENAS **4 MIL**

Você pode se perguntar o motivo de uma mulher não ter se prevenido ao invés de querer fazer aborto. Para pensarmos nessa questão, é importante destacar que **nenhum método contraceptivo é 100% seguro**. Isso mesmo: a camisinha pode estourar, a pílula anticoncepcional pode falhar, a mulher pode estar passando pela janela de fertilidade, o DIU pode sair do lugar, assim como o diafragma. Muitos homens, inclusive, não querem utilizar camisinhas com as mulheres durante a relação sexual, mas esquecem que além de ser um risco em relação a ISTs¹³, a mulher também pode engravidar. No Brasil¹⁴ o aborto é garantido em apenas três casos: caso exista risco de vida para a gestante, em casos de estupros ou se o feto não tiver cérebro (anencéfalo).

Gravidez na adolescência - A gravidez na adolescência é vista socialmente com bastante preconceito. As adolescentes/jovens grávidas passam por diversas situações em que são julgadas, ridicularizadas e desvalorizadas pela sociedade. Os comentários principais são: "Devia estar na escola e não fazendo filho", "Se ela ainda é uma criança, como vai cuidar de outra criança?", "Depois é estuprada e não sabe o motivo. Já está fazendo filho por aí...", "Criança que faz criança não é mais criança". No entanto, precisamos nos atentar com a forma de tratar uma jovem que está grávida e que passa por uma série de conflitos e situações de constrangimento durante esse período. Se para uma mulher adulta a gravidez já é um momento cheio de mudanças e adaptações, para uma jovem pode ser um momento ainda mais desafiante. Se além de todas as questões, incertezas e dúvidas relacionadas à gravidez, juntarmos os julgamentos, podemos estar apenas causando mal-estar e sofrimento para a jovem mãe.

É importante ter em mente que:

- 1) A menina não engravidou sozinha, então o pai da criança em gestação também precisa se responsabilizar pelo ato sexual e pelo cuidado e/ou assistência à mãe e ao bebê. E não esquecer que ambos precisam de apoio.
- 2) Métodos contraceptivos podem ter sido utilizados durante a relação sexual, porém, não são 100% seguros. Portanto, não significa que as pessoas não se preveniram e foram descuidadas.
- 3) De acordo com o contexto geográfico e cultural, engravidar jovem pode ser visto com naturalidade, podendo até significar status social.

13 ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis)

14 O código penal brasileiro aponta o aborto como crime nos artigos 124 a 127. Para saber mais sobre criminalização do aborto no Brasil, veja em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del-2848compilado.htm

INFECÇÕES
**SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS**
E HIV

O HIV é o vírus que transmite a AIDS, que significa “Adquired Immunodeficiency Syndrome” em inglês ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, em português. Estas palavras descrevem uma séria alteração no sistema de defesa do corpo humano provocada pelo HIV, o Vírus da Imunodeficiência Humana. As formas de transmissão do HIV são por via sexual, sanguínea e da mãe infectada para o feto. No entanto, apesar de ter sido descoberta no início da década de 1980, ainda existem muitos mitos sobre a transmissão deste vírus.

COMO PREVENIR?

A melhor forma de nos protegermos, incluindo infecções sexualmente transmissíveis, é usando corretamente o preservativo – feminino e masculino – em todas as relações sexuais com penetração (isso inclui também sexo oral e anal); não compartilhar seringas e agulhas; utilizar seringas esterilizadas ou descartáveis, caso use drogas injetáveis. Na prevenção da transmissão vertical (da mulher grávida para o feto), o ideal seria que toda menina ou mulher adulta que desejasse engravidar fizesse um exame anti-HIV antes. Caso isso não aconteça, uma mulher de qualquer idade precisa fazer esse teste durante o pré-natal. No caso de ser portadora do HIV, existem cuidados específicos que o médico irá recomendar.

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE ISTS

IST é a sigla de infecções sexualmente transmissíveis, que podem ser vírus, bactérias e parasitas, que entram no nosso organismo. Como se contrai uma IST? Por meio de contato sexual – anal, oral ou vaginal – caso a/o parceira/o esteja infectada/o e não se use o preservativo. Outra forma de se infectar é em uma transfusão de sangue em que o sangue não foi testado ou pelo compartilhamento de seringas e agulhas, principalmente no uso de drogas injetáveis. Como sabemos que temos uma IST? A maioria das IST apresenta algum sinal nos órgãos genitais (que dá para ver) e/ou algum sintoma (que dá para sentir); coceira ou vermelhidão; bolhinhas, feridinhas ou verrugas; corrimento com cheiro e quantidade diferente do que se tem habitualmente; íngua (inchaço) na virilha; febres, ardência quando se faz xixi, dor na parte de baixo da barriga. No entanto, algumas ISTs não apresentam nem sinais ou sintomas. Estes sinais e sintomas também podem ser confundidos com qualquer outra doença, como gripe. Agora, só um profissional de saúde será capaz de identificar qual é a doença e a melhor forma de tratamento. Portanto, é importante ensinar as/os jovens a se informarem em locais seguros e com pessoas preparadas para falar sobre essa temática, para que seja rompido o hábito de perguntar ao amigo ou à amiga o que foi que elas/es usaram quando tiveram uma situação parecida.

QUAIS SÃO AS ISTs MAIS COMUNS?

Hepatite B - É uma inflamação do fígado causada pelo vírus da Hepatite B (HBV). As formas de contágio são as mesmas que as do HIV/AIDS, ou seja, relações sexuais desprotegidas; uso de drogas com compartilhamento de seringas, agulhas ou outros equipamentos; transfusão de sangue e derivados infectados; transmissão vertical (da mãe para o feto ou para o recém-nascido); aleitamento materno e acidentes com objetos perfurantes e cortantes. A grande diferença é que tem vacina!

Hepatite C - É uma inflamação do fígado causada pelo vírus da Hepatite C (HCV). A hepatite C é transmitida pelo sangue; não há comprovação de contaminação por fluidos corporais, como saliva, suor, lágrimas, sêmen ou leite materno (a mãe contaminada pode amamentar). Abraços, beijos ou compartilhar pratos, copos, talheres ou roupas não contaminam. A contaminação sexual é possível, porém muito rara. Entre as maiores fontes de contaminação do passado temos as transfusões sanguíneas, possibilidade hoje descartada pelos testes de sangue nos hemocentros. Atualmente, os fatores de risco continuam sendo o uso de drogas, injetáveis ou aspiradas, que representam dois terços das novas infecções, e acidentes com instrumentos perfurocortantes, inclusive com instrumentos de manicura. A Hepatite C só tem cura quando a doença é descoberta precocemente.

Condiloma acuminado e HPV - O condiloma acuminado, também conhecido como verruga genital ou crista de galo, é causado pelo HPV – Papilomavírus Humano. Este vírus está presente em muito mais pessoas do que se imagina, principalmente na população jovem, porque a maioria das pessoas infectadas pelo HPV não apresenta sintomas. As verrugas são muito infecciosas, porém o HPV pode ser transmitido mesmo sem a presença delas. Caso uma pessoa contaminada não procure um tratamento profissional, as verrugas podem crescer e se espalhar. Existe mais de 100 tipos de HPV e alguns deles estão associados ao maior risco de câncer de colo de útero. Por isso, as mulheres devem fazer o exame preventivo (Papanicolaou) regularmente procurando um ginecologista. A boa notícia é que desde 2014 o Ministério da Saúde está disponibilizando gratuitamente a vacina para meninas entre 11 e 13 anos. A vacina protege contra quatro tipos de HPV – responsáveis por



setenta por cento dos casos de câncer de útero e 90% das verrugas genitais – que podem aparecer em homens e mulheres. As meninas de 11 a 13 anos, que ainda não foram expostas ao HPV desenvolvem a imunidade mais forte. Isso ajuda também a proteger os meninos. Mas vale lembrar: a vacina não imuniza contra outras doenças ou infecções, como a AIDS. Por isso, o uso da camisinha continua sendo recomendado, sempre.

Sífilis - É uma doença causada pela bactéria *Treponema pallidum*, capaz de contaminar qualquer órgão ou tecido do corpo. Essa bactéria entra no organismo por meio de relações sexuais sem camisinha, contato com sangue contaminado ou durante a gravidez, da mãe para o bebê. Quando não tratada, pode causar sérios problemas de saúde para a pessoa infectada. Após 2 a 3 semanas da relação sexual, aparece uma ferida no pênis, na vagina, ânus ou boca. Apesar dessa ferida não doer, não sangrar e nem ter cheiro, ela é muito contagiosa. Mesmo sem tratamento, depois de algum tempo ela desaparece, por isso a pessoa infectada pode não perceber que teve essa ferida ou pode achar que ficou curada, mas a doença continua presente no organismo. Aproximadamente depois de 3 a 6 meses, podem surgir pequenas manchas avermelhadas pelo corpo, inclusive nas mãos e planta dos pés. As manchas também desaparecem e novamente a pessoa pode achar que ficou curada, mas continua doente. Após o desaparecimento desses sintomas e sem o tratamento adequado, meses ou anos mais tarde aparecem complicações mais graves, como doenças neurológicas e cardíacas, que podem provocar a morte.

Herpes genital - É uma infecção causada por um vírus. Manifesta-se, de início, por bolhas muito pequenas, localizadas, principalmente, nos genitais. Essas bolhas provocam ardência, causam coceira intensa e viram pequenas feridas quando se rompem. Essas feridas desaparecem, mesmo sem tratamento, mas os sintomas podem voltar a aparecer, principalmente quando a pessoa tem diminuição da resistência (como ocorre, por exemplo, em situações de estresse). A transmissão acontece, principalmente, quando a pessoa apresenta os sinais e sintomas da doença. Deve-se evitar manter relações sexuais com pessoas que apresentem bolhinhas ou feridas. O tratamento existente não é capaz de eliminar o vírus da pessoa infectada, mas existem remédios que ajudam a controlar e a evitar o aparecimento das feridas.



Gonorreia - É uma doença sexualmente transmissível muito comum, que normalmente aparece de 2 a 8 dias após a relação sexual com parceira/o infectada/o. No garoto, os sintomas são ardência ou formigamento ao urinar e corrimento de cor amarelada purulenta ou esverdeada saindo pela uretra (canal onde sai a urina). A maioria das mulheres adultas ou jovens infectadas não apresenta sintomas, mas pode haver um corrimento amarelado ou sentir dor nas relações sexuais. Se essa infecção não for tratada, tanto o garoto, quanto a garota podem sofrer sérias consequências, como infertilidade (dificuldade para engravidar), meningite, doenças cardíacas e neurológicas.

Uretrites não gonocócicas - Nome difícil, né? As uretrites não gonocócicas são infecções causadas por vários tipos de micro-organismos transmitidos sexualmente, principalmente por uma bactéria, chamada *Clamídia*, e afetam principalmente as/os jovens. Essas infecções podem não apresentar sintomas, mas as pessoas infectadas, às vezes, sentem ardência e dor ao urinar ou uma secreção aquosa, com aparência de clara de ovo, saindo da uretra (canal onde sai a urina), principalmente pela manhã.

Cancro Mole - É uma doença causada por uma bactéria que se manifesta após a relação sexual com uma pessoa que tenha a doença. Geralmente duas semanas após o contágio, aparecem uma ou mais feridas nos genitais (vagina, pênis, ânus), muito dolorosas, e inchaços na virilha, que podem até dificultar os movimentos da perna. O Cancro Mole não desaparece sem tratamento, porém, com o tratamento correto, a pessoa fica completamente curada.

Tricomoníase - É uma doença causada por um parasita, transmitida principalmente pelas relações sexuais, que ocorre mais frequentemente em mulheres, mas que pode ser transmitida aos seus parceiros sexuais. Os principais sintomas são corrimento amarelo-esverdeado, bolhas, com mau cheiro, dor durante a relação sexual, ardência ou dificuldade para urinar e coceira nos órgãos genitais. As/os parceiras/ os também devem se tratar, mesmo que não apresentem sintomas. *(Box sobre DSTs extraído do Manual Agente M - Promovendo saúde e equidade de gênero entre adolescentes e jovens)*

Você sabia que em 1935 Sigmund Freud, o idealizador da psicanálise, respondeu a carta a uma mãe que pedia ajuda para “curar” a homossexualidade do filho? Na carta, Freud frisou que a homossexualidade não é uma doença e muito menos uma questão a ser trabalhada, assim como a heterossexualidade. É interessante pensar em como a ideia de que a homossexualidade e bissexualidade são doenças ou algo ruim foi construída ao longo do tempo. Já naquela época Freud deu uma importante resposta, ao dizer que “ Homossexualidade não é nenhuma vantagem, mas ao mesmo tempo não é algo pelo qual deva se envergonhar. Não é um vício, uma degradação e nada que possa ser classificado como doença.”. O pai da psicanálise também disse que: “É uma grande injustiça e crueldade enxergar a homossexualidade como um crime.”

Caso queira ver a carta na íntegra, é possível acessar através do site: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1920160-em-carta-escrita-em-1935-sigmund-freud-negou-possibilidade-de-cura-gay.shtml>



MITOS E VERDADES

As mulheres viram lésbicas porque não encontraram o homem ideal - Em nossa cultura, acredita-se que as mulheres e os homens são naturalmente feitos um para o outro e somente assim encontrarão felicidade. Se aprofundarmos este mito, veremos que ele diz respeito ao ato sexual em si, pois normalmente apenas a relação em que ocorre a penetração é validada como relação sexual e é difundida a noção de que esta é a única forma das mulheres sentirem prazer. Existe uma ideia de que a única forma da mulher sentir prazer ou se sentir realizada é através do homem, valendo-se do pensamento de que duas mulheres não podem se sentir realizadas juntas. Essa é uma ideia machista que acredita que todo relacionamento afetivo e/ou sexual deve acontecer entre homem e mulher.

Pessoas serão influenciadas a virarem homossexuais caso tenham contato com gays, lésbicas e/ou bissexuais ou forem informadas sobre questões de gênero, sexualidade e orientação sexual - O interesse afetivo e sexual por pessoas não pode ser influenciado devido ao fato de não ser uma escolha e sim, um desejo singular de cada um(a). Se acreditássemos nesta influência, não existiriam homossexuais filhos de casais heterossexuais. Ninguém “vira” homossexual, pois isso não é uma simples escolha. A orientação sexual não é passível de influência, pois se fosse influenciável todos/as seriam heterossexuais, visto que vivemos em uma sociedade que tem a heterossexualidade como norma.

A pessoa bissexual é indecisa, ela está “em cima do muro” ou é promíscua - A nossa sociedade incentiva as pessoas a serem monossexuais, ou seja, a se relacionarem apenas com um gênero. No entanto, muitas pessoas declaram sentir atração por ambos os gêneros. Quando uma mulher bissexual está se relacionando com um homem, ela não se torna heterossexual. Quando uma mulher bissexual está se relacionando com uma mulher, ela não se torna lésbica. Ela permanece sendo bissexual, pois continua desejando ambos os gêneros. Isso não significa que ela irá trair a pessoa ou que não será leal com quem se relaciona. Afinal, uma pessoa heterossexual não deixa de desejar uma pessoa do gênero oposto, só porque está em um relacionamento. (Este exemplo também serve para homens bissexuais).

Toda mulher que não segue os padrões de feminilidade é lésbica. Todo homem vaidoso ou que se cuida é gay - Orientação sexual não tem nenhuma relação com a expressão de gênero ou a forma com que cuidamos do nosso próprio corpo ou aparência. Uma pessoa pode ou não ser vaidosa, como pode ou não estar de acordo com um padrão de beleza estipulado para cada gênero e isso nada tem a ver com orientação sexual. Afinal, o que tem a ver cuidar da pele, se depilar, combinar peças de roupa, "fazer as unhas", se perfumar com orientação sexual? Pois é, nada.

Todo gay quer ser mulher\Toda lésbica quer ser homem - Orientação sexual e Identidade de Gênero não abarcam as mesmas concepções. Orientação sexual diz respeito ao desejo, enquanto Identidade de Gênero diz respeito ao gênero o qual a pessoa se identifica.





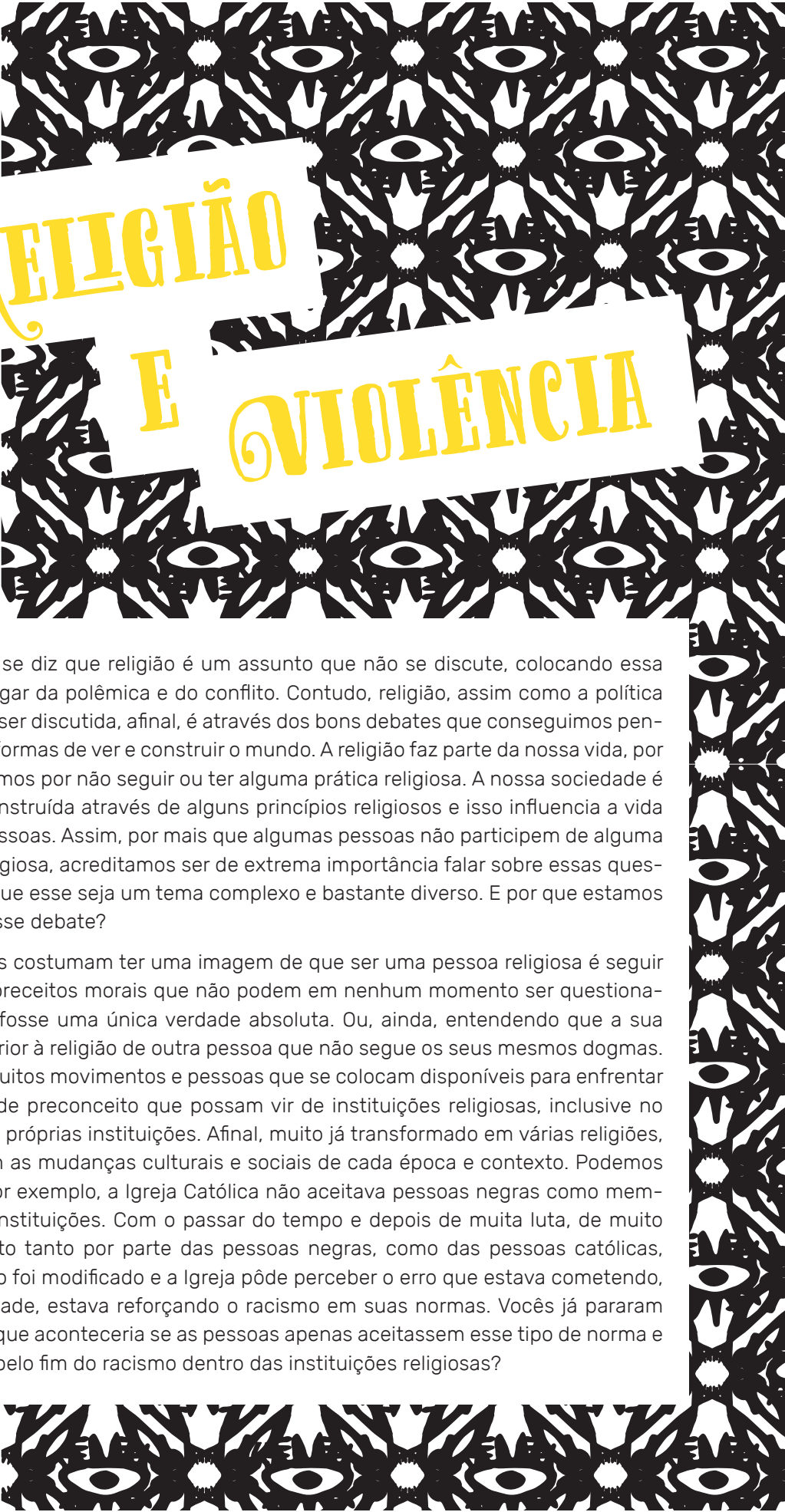
ANTES DAS ATIVIDADES

Cada vez mais as pessoas têm acesso a discussões de forma rápida e possuem a oportunidade de construir um conhecimento sobre diversos assuntos. As redes sociais e sites de pesquisa podem ter um papel informativo e pedagógico para que as pessoas que tenham interesse em assuntos em comum possam trocar ideias e reflexões. Isso faz com que muitas vezes alunas/os cheguem à sala de aula ou em espaços educativos com uma boa discussão sobre alguns temas, pois já pesquisaram por assuntos específicos e talvez até já tenham realizado ou participado de debates em seus espaços sociais, com amigas/os e/ou família.

Por isso, antes de iniciar as atividades, pode ser interessante se perguntar: como está a discussão na sala de aula? As pessoas já tiveram contato com os debates sobre os temas a serem abordados? Qual é o nível de entendimento que a turma possui sobre determinado assunto? É importante observar em qual momento a turma está na discussão, pois, a partir disso é possível escolher quais atividades trabalhar e pensar em uma abordagem que seja mais produtiva para aquele grupo específico. Uma das coisas que pode ser utilizada para saber como está a discussão é iniciar o debate perguntando ao grupo sobre o que já ouviram falar sobre aquele assunto ou o que pensam em relação a ele. Com essa pergunta, pode ser possível construir um caminho melhor e de acordo com a turma para trabalhar os temas em grupo.

Sobre o tema da violência é importante perceber se as pessoas conseguem observar quais são as várias formas de violências e se conseguem identificar de onde vêm, isto é, como elas são construídas socialmente e não como sendo parte do ser humano. Quando se fala em violência é comum pensar que ela se manifesta apenas em forma de agressão física e as outras formas são mais esquecidas ou secundarizadas. Uma dica para trabalhar estes temas que abordam o tema da(s) Violência(s) com um grupo que já esteja mais avançado na discussão é partir para o questionamento e a problematização sobre o gênero, a raça/etnia, a orientação sexual, a localização geográfica de uma pessoa que é vítima de violência, ou seja, começar a explorar quais são os corpos mais sujeitos a sofrerem preconceito, discriminação e violência(s).

É comum chegarmos ao final de um trabalho e pensarmos: será que fez diferença? Uma das coisas que pode ser utilizada para saber como está a discussão são os roteiros de perguntas a serem feitas individualmente por cada participante antes do início da conversa. Para isso, ao fim desse volume, você poderá acessar uma sugestão de questionário que pode ser aplicado junto aos estudantes. É importante lembrar que a sugestão do roteiro de perguntas não é uma avaliação de conhecimento do/a estudante sobre o tema, mas uma forma de você, educador/a, perceber quais são as opiniões das pessoas participantes acerca do tema proposto. Vale ressaltar, que para garantir respostas mais fidedignas, é importante não nomear ou identificar os questionários. Essa informação pode ser passada para o grupo logo no início do encontro, com a finalidade de tranquilizá-los no que diz respeito a confidencialidade e privacidade de suas respostas.



RELIGIÃO E VIOLÊNCIA

Popularmente se diz que religião é um assunto que não se discute, colocando essa temática no lugar da polêmica e do conflito. Contudo, religião, assim como a política pode (e deve!) ser discutida, afinal, é através dos bons debates que conseguimos pensar em outras formas de ver e construir o mundo. A religião faz parte da nossa vida, por mais que optemos por não seguir ou ter alguma prática religiosa. A nossa sociedade é regida e foi construída através de alguns princípios religiosos e isso influencia a vida de todas as pessoas. Assim, por mais que algumas pessoas não participem de alguma convenção religiosa, acreditamos ser de extrema importância falar sobre essas questões, mesmo que esse seja um tema complexo e bastante diverso. E por que estamos defendendo esse debate?

Muitas pessoas costumam ter uma imagem de que ser uma pessoa religiosa é seguir uma série de preceitos morais que não podem em nenhum momento ser questionados, como se fosse uma única verdade absoluta. Ou, ainda, entendendo que a sua religião é superior à religião de outra pessoa que não segue os seus mesmos dogmas. Contudo, há muitos movimentos e pessoas que se colocam disponíveis para enfrentar qualquer tipo de preconceito que possam vir de instituições religiosas, inclusive no interior dessas próprias instituições. Afinal, muito já transformado em várias religiões, de acordo com as mudanças culturais e sociais de cada época e contexto. Podemos pensar que, por exemplo, a Igreja Católica não aceitava pessoas negras como membros de suas instituições. Com o passar do tempo e depois de muita luta, de muito questionamento tanto por parte das pessoas negras, como das pessoas católicas, esse regimento foi modificado e a Igreja pôde perceber o erro que estava cometendo, e que, na verdade, estava reforçando o racismo em suas normas. Vocês já pararam para pensar o que aconteceria se as pessoas apenas aceitassem esse tipo de norma e não lutassem pelo fim do racismo dentro das instituições religiosas?

Nessa mesma perspectiva, existem movimentos feministas e LGBTI dentro de várias instituições religiosas. Esses movimentos lutam pelo direito das mulheres e das pessoas LGBTI e debatem a importância de falar sobre a vivência dessas pessoas numa perspectiva que não seja machista, homofóbica, lesbofóbica, bifóbica e transfóbica. Ou seja, debate-se a importância de construir uma religião que tenha seus rituais espirituais e suas crenças filosóficas, mas que isso não interfira de forma violenta na vida e nos corpos das pessoas. Esse tipo de crítica, vinda de pessoas que exercem os preceitos religiosos em suas vidas é muito interessante, uma vez que permite a construção de uma religião mais comprometida com a ética e com o respeito, uma religião comprometida com o fim dos preconceitos e da violência.

Na religião católica, temos o exemplo das Católicas Pelo Direito de Decidir, um movimento que se “propõem articular as ideias do feminismo com o cristianismo, buscando argumentação teológica consistente e oferecendo a possibilidade de encarar a sexualidade como algo positivo, que pode nos fazer felizes, sem nos sentirmos culpadas”¹⁵. Outro grupo que se mobiliza através das redes sociais e busca questionar condutas religiosas, observando as questões e as transformações sociais é a Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto ¹⁶. Com isso, pode-se observar grupos no interior de instituições religiosas que fazem o esforço de questionar as normas sociais que produzem violências, a fim de construir uma sociedade e uma religião mais justas e igualitárias.

Outro ponto que devemos discutir em relação às religiões é a questão da intolerância religiosa. Faz-se necessário entender o motivo pelo qual algumas religiões são mais aceitas do que as outras, como algumas religiões são entendidas como oficiais e superiores a outras. Afinal, por que algumas religiões são motivos de “piadas” entre alguns grupos e os membros dessas religiões passam por uma série de violências? Por exemplo, você já ouviu a expressão “chuta que é macumba” ou “isso é coisa de macumbeiro”? Utilizamos esse tipo de frase para nos referirmos à religiões de matriz africana, dando a entender que pessoas dessa religião não merecem respeito, que essa religião é menos legítima que outras, além de desqualificar suas práticas religiosas, suas lutas diárias e as conquistas em sua vida, alegando que as pessoas se utilizaram de “magias ocultas” para conseguirem tudo aquilo que desejaram.

É importante destacar o quanto o preconceito contra as religiões de matriz africana está ligado a uma estrutura social racista, uma vez que essas religiões foram trazidas para o Brasil por pessoas negras. Podemos ver exemplos de intolerância religiosa com práticas racistas quando vemos a destruição de terreiros com o intuito de impedir que as pessoas pratiquem suas crenças; a violência estrutural, quando nem passa pela nossa cabeça que determinada pessoa pode proferir a fé de religiões de matriz africana; o preconceito que as crianças e adolescentes candomblecistas e umbandistas sofrem nas escolas quando precisam realizar algum

15 Disponível em: <http://catolicas.org.br/institucional-2/historico/>

16 Disponível em: https://www.facebook.com/frenteevangelicapelalegalizacaodoaborto/?ref=br_rs

preceito religioso e frequentar as aulas com as vestes específicas da sua religião. Afinal, podemos nos questionar: qual o problema de pessoas acreditarem e viverem algo diferente das religiões que são vistas como oficiais, são entendidas como hegemônicas? O que afeta na nossa vida se alguma pessoa profere uma fé diferente da nossa ou até mesmo não profere fé alguma?

A maioria das religiões prega o respeito e o amor pelo próximo/a, sendo assim, é importante também respeitarmos as pessoas e as crenças diferentes daquelas que seguimos!

Seguem abaixo links com temáticas sobre religião e a crítica aos preconceitos:

15 coisas que pessoas de religiões de matriz afro gostariam de te dizer

https://www.buzzfeed.com/ramosaline/coisas-que-pessoas-de-religoes-de-matriz-afro-gostariam?utm_term=.pryaVOG5xj#.mtepj2Wk0z

Os argumentos das católicas brasileiras que há 25 anos defendem o aborto

<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42372359>



FRENTE
Evangélica pela
LEGALIZAÇÃO DO ABORTO

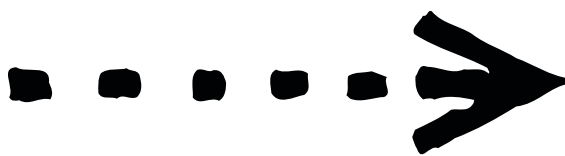


Quem precisa de perdão
são aqueles que não
enxergam a morte das
mulheres que abortam

#PelaVidaDasMulheres #AbortoLegal

 **Católicas**
pelo Direito de Decidir

ATIVIDADES



ATIVIDADE 1

DIALOGANDO COM IMAGENS

Objetivos: Refletir sobre as categorias: Preconceito, Discriminação, Racismo, Segregação, Intolerância, Machismo/Feminismo e Homofobia. Essa atividade busca problematizar situações em que podem ser identificadas atitudes de violência articuladas com as categorias citadas acima. A reflexão será feita através da localização de imagens/situações em jornais e revistas que são entendidas pelas e pelos participantes como representações destas categorias.

Materiais necessários: Folhas de papel A4, revistas e jornais, tesouras e colas.

Tempo da atividade: 1h - 2h

Dicas para planejamento: Esta atividade requer um espaço amplo para que as revistas e jornais fiquem disponíveis e possam circular entre as pessoas participantes. É uma atividade que busca ser reflexiva de maneira introspectiva, porém, podem surgir discussões no decorrer da oficina. Tanto entre participantes, como com quem está propondo a atividade.

Passo a passo:

1. O/a facilitador/a deve disponibilizar as revistas e jornais na mesa antes da atividade ser explicada para as participantes. A sala já precisa estar organizada quando chegarem.
2. Peça às/aos participantes que sentem em cadeiras em volta de uma mesa e busquem uma posição confortável.
3. Explique que o objetivo da atividade consiste em identificar através de imagens em jornais e revistas, situações que elas achem que tem a ver com Preconceito, Discriminação, Racismo, Segregação, Intolerância, Machismo/Feminismo e Homofobia.
4. Explique que após essas imagens serem localizadas, as/os participantes deverão recortar e colar a imagem em uma folha de papel em branco.
5. Ao final das colagens, peça para as participantes apresentarem suas colagens e narrar o motivo que as/os fez achar que aquela situação se articula com as categorias.

Perguntas para discussão:

1. Por que você escolheu esta situação/imagem?
2. O que você acha que esta imagem representa?
3. Você já passou por situação parecida?
4. Conhece alguma história que seja parecida com esta situação?
5. Você acha que este tipo de situação acontece com que frequência?
6. Qual a sua opinião sobre este tipo de situação?
7. Como você acha que a sociedade pode se posicionar e colaborar para uma transformação?

Fechamento: Procure localizar os pontos de discussão que são mais familiares entre os participantes e busque potencializar a discussão ressaltando as conquistas e as transformações que já aconteceram na sociedade. Esta também é uma saída estratégica caso surja um clima tenso e um posicionamento voltado para discursos como: “Não vejo saída”, “Isso é impossível de mudar”, “Vai ser sempre assim”.

ATIVIDADE 2

EXPLORANDO O ENTENDIMENTO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

Objetivo: Expor o ambiente social negativo que se forma contra pessoas não heterossexuais e considerar as consequências de crescer nele.

Material: Folhas de papel flipchart (ou cartolinas) e caneta pilot.

Tempo recomendado: 1h - 2h

Passo a passo:

1. Introduza a dinâmica anunciando que a tarefa é conhecer o ambiente negativo contra não heterossexuais e analisando as palavras que as pessoas associam aos termos lésbica e gay.
2. Faça duas colunas, uma com a palavra gay, como cabeçalho, outra com a palavra lésbica. Veja as orientações sobre como fazer isso no item “Pontos a considerar”.
3. Estimule as/os participantes, perguntando-lhes quais as palavras que ouviram – e ouvem – as pessoas associarem a gay. Anote as palavras no quadro/folha. Explique que, nesta atividade, o objetivo é conseguir o máximo de palavras, sem discussões preliminares.
4. Anote no quadro as contribuições de todas/os, mesmo que não as aprove. Caso as/os participantes falem as palavras muito rapidamente, peça que repitam, para que todas/os contribuam.

Atenção!

- É possível que as/os participantes precisem de encorajamento para usar alguns termos da gíria ou palavras muito negativas e abusivas que geralmente aparecem nesta dinâmica. É importante também ressaltar, antes da dinâmica, que vivemos em um meio negativo, que propaga, com facilidade, mitos e informações errôneas.
- “Bicha” pode ser citada como uma palavra positiva. Ponderar que a palavra carrega estereótipo e tem um valor pejorativo.
- Ao abordar esse tema, é comum que as/os participantes reajam com risos e façam comentários jocosos. É importante destacar que o humor, tal como outros meios, é frequentemente utilizado como meio de divulgação e repetição de preconceitos e também está associado ao desconhecimento sobre esses assuntos.

Pontos a considerar:

1. Você pode estimular a turma fazendo perguntas. Por exemplo: “Como os gays parecem?”; “Quais empregos eles têm?”; “Como eles agem?”; “Alguma palavra positiva?”. Anote as palavras no quadro ou na folha. Após 10 a 15 palavras obtidas para cada pergunta, repita o processo, agora relacionando palavras ao termo lésbica.
2. Pergunte se há alguma palavra positiva no quadro – observe que, entre as ocupações de gays, é possível que estejam as de ator, cabeleireiro, designer de interiores e dançarino, e, entre as de lésbicas, a de motorista de caminhão.
3. Explicar como essas associações, ainda que não sejam negativas, representam estereótipos. Lésbicas e gays têm todo tipo de profissão. Muitos gays jogam futebol, são encanadores, homens de negócios, pedreiros, professores, engenheiros; muitas lésbicas são secretárias, médicas, trabalhadoras de fábricas, professoras, e assim por diante.
4. Circule quaisquer palavras positivas (pode ser que não haja muitas, em nenhuma das listas). Sublinhe qualquer palavra que possa, de alguma forma, ser um estereótipo.
5. Fale sobre como jovens gays e lésbicas crescem nesse clima de negatividade e como isso pode ser impactante para seus sentimentos e percepção de si.
6. Avise que você apagará tudo do quadro, menos aquilo que for completamente positivo. Geralmente não há palavras que sobram, além dos cabeçalhos. Isso mostra como é difícil e injusto para jovens gays e lésbicas viver nesse ambiente negativo.

Fechamento:

Você pode começar dizendo:

1. Assim como o clima e o tempo em diferentes regiões de nosso país formam ambientes, as atitudes e crenças das pessoas também criam um ambiente social. Quando chove e estamos desabrigados, nos molhamos, queiramos ou não. Da mesma forma, somos afetados pelo ambiente social em que vivemos, e isso inclui as escolas. Por vezes, apoiamos ideias que pessoalmente não apoiariamos, mas que, por fazerem parte desse ambiente, não examinamos nem pensamos naquilo que elas implicam.
2. Essas ideias podem não ser suas, mas vocês podem ter ouvido outras pessoas expressando-as.

ATIVIDADE 3

SENTIR, PENSAR, AGIR

Objetivo: Permitir ao grupo explorar seus sentimentos e ações diante de diferentes situações envolvendo pessoas bissexuais, travestis, lésbicas, gays e transexuais.

Material necessário: espaço com cadeiras; dois cartões (ver conteúdos adiante) para cada grupo.

Tempo recomendado: 1h – 2h

Passo a passo:

1. Prepare cartões contendo diferentes situações que envolvam pessoas de orientação sexual distinta da “norma” em vários ambientes, entre eles a escola, em número suficiente para distribuir dois deles para cada grupo. Exemplos são dados no quadro “Exemplos de conteúdos para os cartões” adiante, mas outros podem ser criados com base na experiência pessoal.
2. Divida a turma em subgrupos de seis a oito componentes e dê a cada grupo dois dos cartões preparados.
3. Em cada subgrupo, uma pessoa lerá, em voz alta, o conteúdo dos cartões para as/os demais participantes, e cada uma/um por vez, dirá como se sente diante da situação apresentada, o que pensa a respeito e o que diria ou como agiria se a vivenciasse.
4. Para a discussão de cada uma das situações, os subgrupos podem utilizar entre dez a quinze minutos. Uma pessoa integrante de cada subgrupo deverá controlar esse tempo. Após esse tempo, passa-se à discussão da outra situação.
5. É importante frisar para os subgrupos que o que as pessoas sentem nem sempre se reflete naquilo que elas fazem. Cada participante terá dois minutos para responder.

Exemplos de conteúdos para os cartões:

- Bater em homossexuais é classificado pelas garotas como a terceira violência mais grave, enquanto para os garotos ela ocupa a sexta posição. Ou seja, a discriminação contra homossexuais é menos valorizada pelos jovens rapazes, não sendo abertamente assumida.
- Em sua escola, membros do corpo técnico-pedagógico afirmam que não gostariam de ter homossexuais como alunas/os por considerarem a homossexualidade uma doença.
- Duas mães lésbicas de estudantes do ensino fundamental pedem que uma representação positiva da homossexualidade seja incluída no plano de curso da escola de seus filhos.
- B é seu aluno. Um garoto de 11 anos como tantos outros. Vai à escola, vê desenho animado, gosta de brincar... Tudo como qualquer outra criança. Mas por que os colegas de escola de B implicam com o garoto e o agridem? Por que as pessoas cochicham quando o veem? B tem somente um ponto que o diferencia das outras crianças: seus gestos e voz são semelhantes aos das meninas.
- Uma garota do sétimo ano vem, angustiada, falar com você. Ela está apaixonada por sua melhor amiga e não sabe o que fazer.
- Em meio a uma aula, surge um comentário sobre uma cena de novela envolvendo uma relação afetiva entre dois homens, e um grupo de garotos insiste que gays não são homens de verdade.
- Na saída da escola, um grupo de estudantes de sua sala faz piadas sobre uma estudante transexual que foi impedida de usar o banheiro masculino.
- Uma estudante pede para conversar com você e conta que está sendo alvo de muitas piadas e chacotas no ambiente escolar, pois, após a separação de seus pais, passou a viver com o pai e o namorado dele.

Perguntas para discussão:

1. Após as discussões sobre as situações, peça às/aos participantes que se perguntem:

- a) Como cada uma de suas respostas afetaria a(s) pessoa(s) envolvida(s) na situação?
- b) Há algo que pode ser aprendido com isso?

2. Junte as/os participantes de todos os grupos em plenária e peça que coloquem os sentimentos e pensamentos que tiveram sobre as discussões e o que aprenderam com elas.

3. Discuta o seguinte tema: Para entender a homofobia na escola, como em outros ambientes sociais, é preciso inicialmente problematizar a difusão e a permanência da ideia da heterossexualidade como a única possibilidade de orientação sexual socialmente valorizada e considerada “normal” no ambiente escolar, assim como

em qualquer outro espaço social. Nas discussões sobre a homossexualidade realizadas no ambiente escolar, frequentemente parte-se do princípio de que esta é a questão central, deixando-se de lado a problematização da heteronormatividade.

4. Na escola, como em outros ambientes sociais, existem situações em que as soluções para os conflitos relacionados à sexualidade se apoiam na heteronormatividade, e a “pressão do grupo” é intensa e ostensiva, pois quaisquer condutas ou posturas que contrariem os estereótipos de gênero se tornam “escândalos” seguidos de tentativas de “correção”. As suposições feitas pelas pessoas a respeito de quem não é heterossexual podem levar aos estereótipos e a julgamentos. É comum, também, que educadoras/es, demonstrem preocupação com estudantes que elas/es julgam poder ainda ser “salvos”, proponham estratégias “curativas”, geralmente atribuindo à família o papel de intervir sobre o comportamento “inadequado” de filhas e filhos. Em função da heteronormatividade, ocorre a não aceitação de estudantes, professoras/es, pais, mães, funcionárias/os que tenham orientação sexual diferente da “norma”. A homofobia pode ser silenciosa, mas está sempre sustentada pela heteronormatividade. Muitas vezes a homofobia na escola (como em outros ambientes sociais) se mantém pelo ocultamento ou silêncio. Essa ausência de reconhecimento da discriminação homofóbica demonstra aceitação tácita das regras apoiadas em um mundo (hetero)normativo – “um mundo sem homossexuais”. Conforme já discutimos, é através da adequação ou da inadequação às imagens de mulher e de homem reconhecidas socialmente que os sujeitos são classificados como heterossexuais ou homossexuais. Em função dessas regras que sustentam a heteronormatividade, cria-se também na escola um ambiente social negativo para jovens LGBTI sem se considerarem as consequências de elas/es crescerem em tal meio.

5. Um caminho interessante para se entender a reiteração da heteronormatividade pode ser o de questionar por que é tão importante ou instigante para muitas pessoas o desvendamento das supostas “causas” da homossexualidade, da transexualidade, da travestilidade, da bissexualidade. Será que essas mesmas pessoas se preocupariam em desvendar as “causas” da heterossexualidade?

Há nessa discussão um pensamento fortemente guiado pela heteronormatividade. É importante perceber que poucas vezes – ou quase nunca – se ensina a pensar a sexualidade humana como um todo, no sentido de que ela vai sendo construída, por diversos fatores, ao longo da vida de cada indivíduo. Seria possível aprender, assim, que todas as sexualidades são construídas, algo que pode ser ensinado para as pessoas entenderem melhor a si mesmas e aos outros. No entanto, as “grandes lições” consistem em afirmar o tempo todo que a heterossexualidade não precisa ser pesquisada nem entendida, pois “ela é natural e óbvia”.

Fechamento: Você pode propor outras situações para estimular o debate. Entendemos que a necessidade de promover novas formas de abordagem parece estar sempre presente, o que implica realizar adaptações, somar outras indagações, retomar outros conceitos, até mesmo para desenvolver diferentes atividades como fonte de apoio para as reflexões, de acordo com seu interesse e necessidade de cada grupo que participa das discussões.

ATIVIDADE 4

EXPRESSÕES DAS DIVERSIDADES

Objetivo: Refletir sobre as diferentes expressões da sexualidade e as razões para que, mesmo dentro de uma mesma comunidade que sofre discriminações, algumas pessoas são consideradas inferiores a outras.

Duração: 1h – 2h

Materiais necessários: Ficha de apoio – Expressões de Gênero (em anexo), lápis ou canetas.

Passo a passo:

1. Inicie a atividade comentando que as discussões sobre as sexualidades, orientações sexuais e identidades de gênero não são novas. No entanto, muitas vezes, o enfoque que se dava era mais voltado para a questão saúde-doença e para a moral. Em nosso país, somente a partir da segunda metade dos anos de 1980, se começou a discutir mais abertamente as diferentes formas de expressão da sexualidade nas áreas da educação, da saúde e nas universidades. Mesmo assim, as pessoas que têm uma orientação sexual diferente da heterossexual, costumam vivenciar diversas situações de discriminação e violência.
2. Solicite que as/os participantes se dividam em quatro grupos e distribua um caso (ver ficha de apoio – Expressões de Gênero) para cada grupo.
3. Informe que cada grupo terá 20 minutos para discutir e cinco minutos para apresentar suas conclusões.
4. Sugira que escolham uma/um relatora/r para tomar notas e apresentar a síntese da discussão ao restante da turma.
5. Quando terminarem a atividade, abra para o debate.

Perguntas para discussão:

- A escola está preparada para receber gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais em suas aulas? Exemplifique.
- Os serviços de saúde estão preparados para aconselhar e atender gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais?
- O que é preciso fazer nesses dois espaços para que eles se tornem mais amigáveis para a população LGBTI?
- O que aprendemos durante esta atividade?
- Existe algo que poderia ser aplicado em nossas próprias vidas e relacionamentos?

Fechamento: Atualmente, existe no Brasil um movimento muito forte para o reconhecimento dos direitos sexuais e os direitos reprodutivos da população LGBTI e das mulheres. Em alguns Estados, a homofobia já é considerada um crime passível de punição.

A partir da década de 1970, a homossexualidade deixou de fazer parte do Código Internacional de Doenças. Além disso, em 1999, o Conselho Federal de Psicologia lançou uma resolução que proíbe a participação de psicólogos/os em atividades que pretendam “tratar” e curar as homossexualidades. Nessa resolução, é reiterado o compromisso da profissão no sentido de combater qualquer forma de discriminação ou estigmatização contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Esses fatos representaram avanços importantes na garantia dos direitos dos segmentos LGBTI. Entretanto, muitas vezes, as pessoas desses segmentos se depararam com estigmas e discriminações. Isso acaba por dificultar o acesso delas às ações de saúde. Em geral, os serviços de saúde partem do pressuposto de que todas as pessoas são heterossexuais, o que faz com que quem não se encaixe nesse padrão não seja escutada/o nem atendida/o em suas necessidades.

Por fim, é importante destacar a necessidade de discutir os direitos sexuais e reprodutivos, a fim de fomentar o debate sobre o próprio corpo e seus cuidados. A partir desses processos é possível falar de prevenção e cuidados em relação às ISTs, além de tratar sobre escolhas importantes como a gravidez.

Ficha de apoio:

CASO 1

Em uma escola, existem quatro garotos gays. Três deles estavam bem integrados em sua turma e nunca sofreram nenhum tipo de discriminação. O quarto, André, só era aceito no grupo das meninas. Toda vez que André se aproximava dos outros três era motivo de chacota por ter um tom de voz dito ‘feminino’ e pelos seus gestos. Um dia, ele se cansou dessas brincadeiras e resolveu tomar uma atitude. Primeiro conversou com sua mãe, pedindo a ela que fosse até a escola porque se sentia ameaçado não só pelos heterossexuais, mas pelos próprios colegas gays. Sua mãe aconselhou-o a ficar indiferente que eles acabariam cansando da brincadeira. Chateado com a posição da mãe, o garoto resolveu falar com a coordenadora. Depois que fez sua queixa, a coordenadora disse que o diferencial dessa escola era de, justamente, ser inclusiva, ou seja, um espaço em que o preconceito e a discriminação não eram tolerados de forma alguma. No entanto, sugeriu que ele contivesse seus gestos e que se portasse de maneira menos afetada. Assim, acreditava ela, as brincadeiras iriam parar.

Perguntas:

- O que vocês acharam da atitude da mãe?
- E da atitude da coordenadora?
- O que vocês acharam da atitude dos colegas gays de André?
- Que sugestões vocês teriam para resolver essa situação?

CASO 2

Marcela sempre foi muito namoradeira. E sempre namorou meninas. Um dia, ela foi pela primeira vez a um ginecologista. Entre as perguntas de praxe, o ginecologista perguntou se ela já tinha iniciado sua vida sexual. Marcela disse que sim. Ela deitou-se na mesa ginecológica e o médico iniciou o exame. Ao colocar o espéculo, rompeu o hímen de Marcela. A garota deu um grito e o médico ficou muito bravo por ela ter mentido. Disse que essa situação poderia trazer-lhe problemas institucionais. Marcela disse que não mentiu e que o médico é que não perguntou se ela transava com meninas ou meninos. Disse também que iria reclamar na ouvidoria do serviço de saúde. O médico disse que Marcela era doente e que deveria ir procurar um psiquiatra ou um psicólogo para voltar ao normal.

Perguntas:

- O que vocês acharam da atitude do médico?
- E da atitude de Marcela?
- Que sugestões vocês teriam para evitar que situações como essa ocorressem novamente?

CASO 3

Michele se identifica como uma mulher transexual. Ela frequenta uma escola noturna para jovens e adultos e não sofre nenhum tipo de discriminação por parte das/os colegas. Eles acham que Michele é gay e pronto. Michele decide que está mais do que na hora dela dizer ao mundo que é uma mulher trans. Um dia chega na escola usando um vestido e maquiada. Todo mundo olha para ela assustado. Um grupo de jovens, vai atrás dela xingando-a de imoral, nojenta e outras palavras desse tipo. A confusão é tão grande que o diretor tem que interferir. Leva Michele até sua sala e ela justifica que se cansou de fingir ser um homem e que se identifica como uma mulher. Disse, também, que gostaria de ser chamado de Michele dali em diante e que quer usar o banheiro feminino. O diretor disse que isso era um ultraje e que ele não deixaria que Michele prejudicasse o bom nome da instituição.

Perguntas:

- O que vocês acharam da atitude dos colegas de Miguel?
- O que vocês acharam da atitude do diretor da universidade?
- O que vocês acharam da atitude da Michele?
- Que sugestões vocês teriam para resolver essa situação?

CASO 4

Em uma grande cidade, abriu-se um serviço de saúde específico para a saúde do homem. Muitos travestis e transexuais começaram a procurar por este serviço. Isso fez com que os heterossexuais desaparecessem do serviço, alegando que jamais utilizariam um serviço que atendesse esse 'tipo de pessoas'. Alguns disseram que eram machos e que bastava ir ao urologista de vez em quando. Outros alegaram que tinham medo de se infectar por alguma IST ou pelo HIV, porque travestis e transexuais eram promíscuos.

Perguntas:

- O que vocês acharam das justificativas dadas pelos heterossexuais?
- O que vocês responderiam para eles?
- O que seria possível fazer para que os heterossexuais também frequentassem um serviço voltado para a saúde do homem?

ATIVIDADE 5

DISCUTINDO SILÊNCIOS

Objetivo: Perceber situações de homofobia, lesbofobia, bifobia, transfobia que se costuma não enxergar.

Materiais necessários: Folhas de flipchart ou cartolina e caneta pilot, com as frases/ situações a seguir já escritas.

Tempo recomendado: 30 min - 1h

Passo a passo:

1. Peça à turma que leia, uma a uma, as situações escritas no flipchart (ou na cartolina).

Situações:

- Em uma escola onde é permitido beijar no pátio, duas garotas que o faziam foram chamadas à diretoria.
- Educadoras/es punem estudantes que falam "palavrões", mas não reagem ou ignoram quando dizem palavras como "sapatão" e "bicha".
- Casais formados por garota e garoto podem demonstrar afeto na escola, mas a coordenadora não deixou que dois garotos ficassem de mãos dadas.
- O inspetor pediu que um estudante voltasse para casa a fim de mudar a roupa porque estava vestindo trajes considerados "femininos".
- Um casal formado por duas garotas foi proibido de ir à festa da escola. A alegação foi que a escola não poderia garantir a segurança delas.
- A escola permite que estudantes organizem diferentes clubes de encontro, mas não permite que exista um clube LGBT.

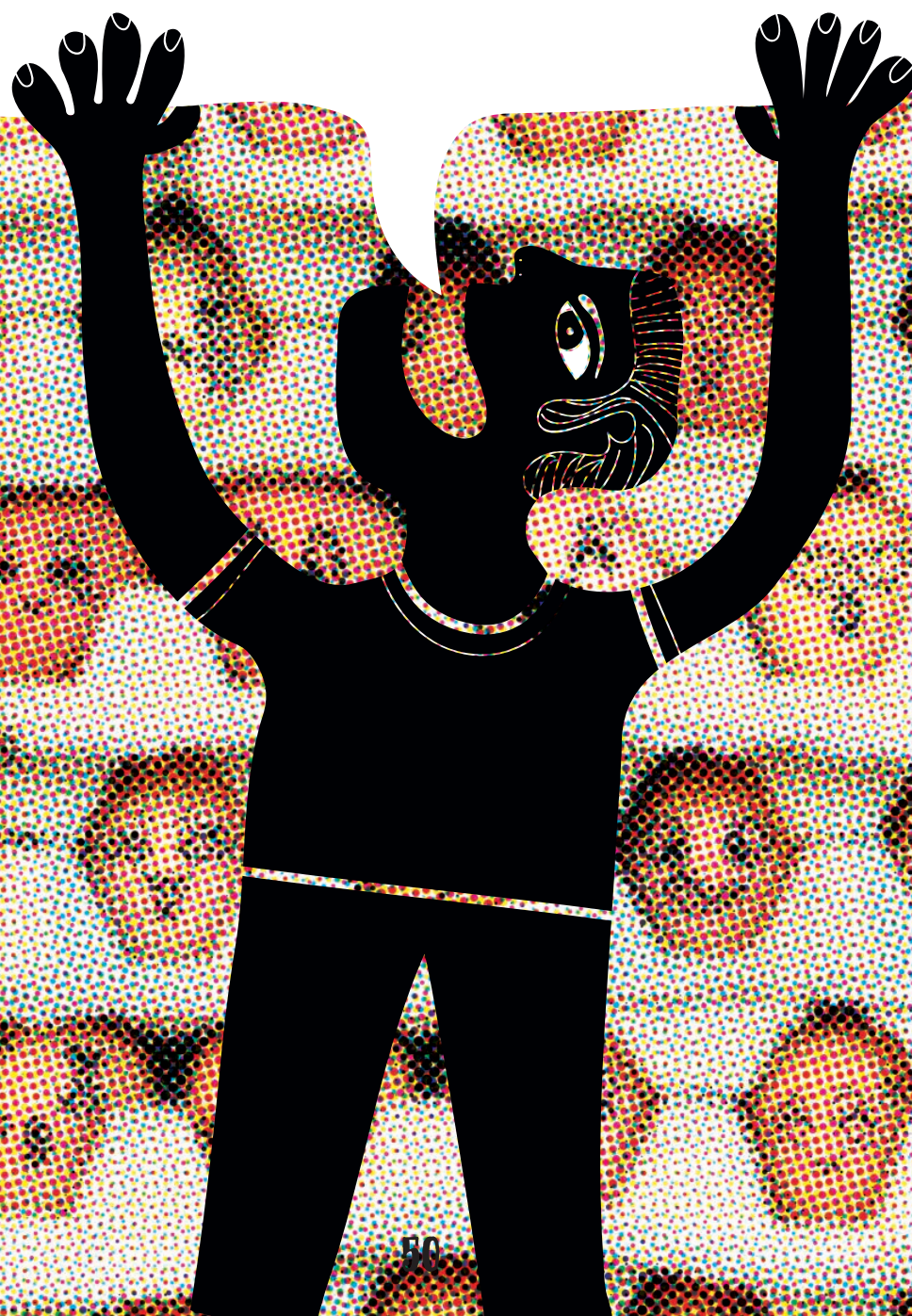
2. Após a leitura de cada situação, perguntar ao grupo: como educadoras/es costumam reagir diante dessa situação?

Fechamento:

- O que significa quando alguém se opõe a alguma coisa, mas não quer demonstrar essa oposição?
- Como você acha que estudantes de orientação sexual ou identidades de gênero diferentes do que considerado “normal” se sentem quando passam por situações de preconceito na escola e ouvem de educadoras/es afirmações como “Infelizmente as coisas são assim mesmo” ou “É praticamente impossível mudar isso, há pessoas que são assim mesmo”?
- Há pessoas que vivenciam a contradição de não quererem discriminar, mas poderem fazer isso em algumas situações. Elas podem, por exemplo, dizer que LGBTIs não devem ser discriminadas/os, mas não admitem que tenham direitos iguais aos das outras pessoas. Nesses casos, a discriminação existe, mas essas pessoas não querem ser vistas como discriminadoras.



**COMO INSERIR ESTA
DISCUSSÃO EM SUA AULA:**



Neste volume nós apresentaremos três exemplos de como trabalhar os temas da Diversidade Sexual em sala de aula, sem precisar parar suas atividades e realizar uma oficina. Nos demais volumes você encontrará mais exemplos de como trabalhar outros temas, lembrando que são apenas propostas e você pode pensar e propor outras formas de promover estas discussões em sala de aula.

Na disciplina de matemática você pode formular os enunciados de maneira que trabalhe de forma indireta as questões de diversidade sexual. Como, por exemplo: Fernando foi ao mercado e comprou 10 tomates, 5 cebolas e 3 alfaces para fazer uma salada para seu namorado na hora do jantar. Porém, João só usou 2 tomates, 1 cebola e 1 alface. Quantos tomates, cebolas e alfaces sobraram para uma próxima refeição?

Na disciplina de Língua Portuguesa, você pode formular frases utilizando um casal homossexual, em vez de casais heterossexuais. Pode também pensar em famílias monoparentais. Você também pode buscar textos, contos ou poesias de autores/ autoras que trabalham em seus textos relacionamentos que não são heterossexuais. Além disso, ao falar sobre algum texto que trata de casais heterossexuais, você pode sempre pontuar para turma que existem outros modelos de relação e falar sobre orientação sexual e/ou a existência de casais homossexuais.

Na disciplina de Física, quando for abordar sobre a Lei de Coulomb¹⁷, você pode pontuar que este tipo de reação só funciona para partículas e que nós seres humanos podemos nos atrair por pessoas do mesmo gênero. Ou seja, não são somente os opostos (tidos aqui como casais heterossexuais) que se atraem.



¹⁷ A Lei de Coulomb diz que na força de interação entre partículas eletrizadas, partículas de sinais opostos se atraem e as de mesmo sinal se afastam.



SE SE?

Neste tópico nós iremos dar algumas sugestões de como “se sair bem” caso aconteça alguma situação que acione diversos tipos de preconceito em seu cotidiano e como se posicionar diante delas. Por exemplo:

“O que você acha de homem que beija homem e mulher que beija mulher?”

R: Eu acho que as pessoas tem que fazer aquilo que gostam e demonstrar o seu afeto por quem amam genuinamente.

“Essa coisa de menina ficar com menina é modinha!”

R: Sentir afeto por outra pessoa não tem a ver com moda. Aliás, você sabia que é muito difícil ser lésbica ou bissexual por conta da sociedade ser extremamente preconceituosa? Muitas sofrem violência só porque se amam. Está na moda sofrer violência?

“Não tenho nada contra gays, só não quero que fiquem perto de mim... Vai que dão em cima de mim!”

R: Qual o problema de ficarem perto de você? São pessoas que se relacionam com outras pessoas, como você também. E se derem em cima de você é só falar “não”.



“Macaco!!!”

R: Você sabia que isso é racismo¹⁸? Você sabia que racismo é crime? O racismo é uma forma de violência que tem por base a noção de que uma raça é superior a outra raça. Este tipo de violência pode ser em relação a questões raciais, cor da pele ou características físicas associadas a uma raça vista como inferior e tem como finalidade a eliminação de direitos humanos de determinado grupo racial. Em nosso contexto, o racismo violenta diariamente pessoas negras e isso acarreta em injustiças, dores emocionais, diminuição da autoestima e diversas outras consequências que afetam brutalmente as pessoas negras. [Resposta com base na Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989]

“Nossa, aquela pessoa é muito gorda! Parece uma baleia!”

R: Não tem problema nenhum em ser uma pessoa gorda. Ser uma pessoa gorda não é algo ruim, por isso, criar nomes pejorativos é uma forma de preconceito. Os corpos podem existir de diversas formas e não respeitar o direito do outro ser o que ele é pode gerar muitos problemas para a própria pessoa, como por exemplo, prejudicar sua autoestima. Muitas vezes acreditamos que ser magra é melhor e mais saudável, pois isso acaba sendo o corpo padrão, ou seja, aquele corpo que acreditamos ser mais aceito, saudável e bonito. Porém, ser uma pessoa gorda não é um problema e nem sinônimo de ser doente.

“Mas eu não tenho preconceito. Isso é só a minha opinião”

R: Se a sua opinião limita a liberdade de outra pessoa é preconceito sim. Quando você tem preconceito em relação a alguma pessoa, por exemplo, você se limita a entender e aprender com ela, ou seja, você não dá oportunidade para conhecer outra pessoa e se mantém fixo em uma ideia pré-concebida que restringe a sua visão de mundo e fere o direito da outra pessoa existir e viver longe de preconceitos.

¹⁸ Para saber mais sobre a discussão de Racismo, vá para o Volume 4 - *Poder, Relacionamentos e Violência(s)*



COMO FAZER UM FANZINE

Depois de conversar sobre assuntos tão importantes, que tal transformar isso em um material que pode virar uma campanha comunitária, um diário, um jornal informativo ou mesmo algo que seja possível trocar com outras pessoas? O Fanzine funciona como uma ferramenta que possibilita a expressão de sentimentos, opiniões e até o debate de assuntos através de textos, imagens e colagens e apresenta um outro método para discussões e para o exercício da criatividade.

Concretizar a imaginação e o pensamento em forma de Fanzine pode ser bastante interessante uma vez que ele poderá circular tanto dentro, quanto fora da escola.

A nossa proposta é incentivar as/os alunas/alunos a confeccionarem seus Fanzines ao final de cada volume da Caixa de Ferramentas ou quando você achar necessário (por exemplo, quando você quiser incentivar a turma a debater mais sobre determinado assunto, etc). Para fazer o Fanzine é necessário papel A4, tesoura, cola, canetas coloridas, revistas ou jornais e colocar suas ideias no papel!

1 - Dobre o papel ao meio ao comprido (estilo hotdog)

2 - Dobre o papel ao meio novamente (estilo hamburger)

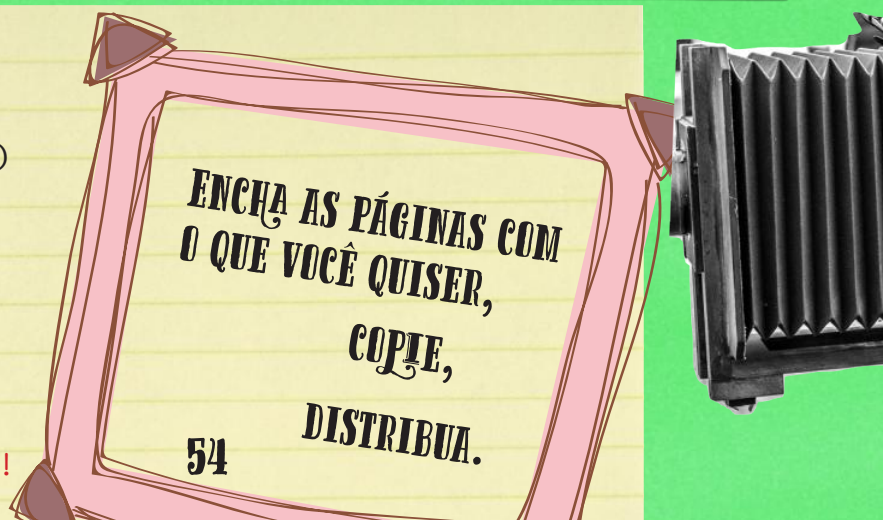
3- Dobre o papel ao meio mais uma vez.

4 - Desdobre o papel. Ele deve ter agora 8 seções retangulares

5-Pegue o estilete (ou a tesoura, o que você achar que funciona melhor) e corte ao longo entre os dois pontinhos demarcados. (fig A)

6- Dobre o papel ao longo dessa mesma linha (estilo hotdog)
7 - Agora dobre as páginas de modo que o meio apareça, basicamente formando uma cruz (fig. B)

8 - Eis o seu ZIIINE!



MATERIAIS:

- papel A4
- estilete

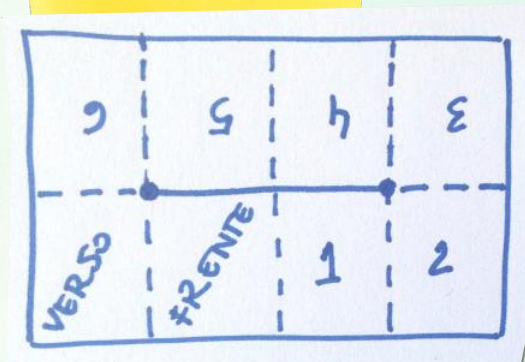


FIG. A

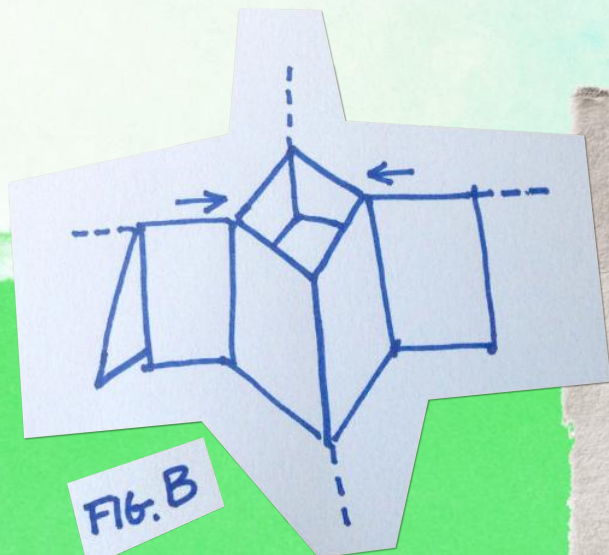


FIG. B



A PARTE GRÁFICA DESTA SEÇÃO FOI INSPIRADA NA DIDÁTICA-ZINC.
DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.LITORALFUPR.BR/PORTAL/WUP-CONTENT/UPLOADS/2015/03/DIDATICA_ZINC2015.PDF](http://www.litoralfupr.br/portal/wup-content/uploads/2015/03/DIDATICA_ZINC2015.pdf)

CRIANDO UMA
CAMPANHA
COMUNITÁRIA

Objetivo: Despertar a capacidade de reflexão e mobilização coletiva sobre questões importantes para a comunidade.

Tempo recomendado: mínimo de 6 horas (veja nas dicas para planejamento)

Materiais necessários: cartolinas ou papel pardo para cartaz, lápis e canetas coloridas, tesouras, colas, revistas velhas.

Dicas para planejamento: O período necessário para realizar esses passos irá depender dos recursos disponíveis e pode levar semanas. É desejável que as pessoas que são o público-alvo da campanha possam participar do planejamento também. Isso gera uma campanha mais próxima, eficaz e mobiliza mais as pessoas.

Passo a passo:

Nessa atividade, vamos pensar no tema da prevenção de violência contra crianças e adolescentes com a perspectiva de gênero.

- O primeiro passo é fazer uma avaliação de necessidades: reunir o grupo para refletir sobre comportamentos, atitudes e conhecimentos que influenciam ou produzem vulnerabilidade à violência de gênero de crianças e adolescentes. Estas informações podem ser obtidas por levantamento de pesquisas no local ou até mesmo por um grupo de debates com o público da campanha. Podem ser feitas perguntas como:
 1. Como são os comportamentos de homens e mulheres em seus relacionamentos?
 2. O que homens e mulheres entendem por um relacionamento com base na igualdade?
 3. Quais são os principais obstáculos que enfrentam para terem relações baseadas no respeito?
 4. Quais são as expectativas dos homens e seus medos?
 5. Como são tratadas as meninas na escola/comunidade/ entorno?
 6. Quais são suas expectativas, sonhos, medos?
 7. Que informações são necessárias para a prevenção da violência de gênero de crianças e adolescentes?

- Depois de levantadas essas informações, é importante focalizar, isto é, definir com mais detalhes o perfil “típico” do público que a campanha pretende alcançar. Uma técnica útil para definir as características do público é a de criar um perfil de personagem. Veja se as perguntas abaixo são pertinentes para o público com que você está trabalhando. Peça que imaginem uma ou mais pessoas com quem a campanha irá se comunicar de acordo com essas perguntas:

1. Qual seu nome?
2. Que idade tem?
3. Onde vive?
4. Trabalha?
5. Estuda?
6. Como se veste?
7. Quem são seus amigos?
8. O que faz para se divertir?
9. O que deseja ser? Quais obstáculos encontra?
10. Que tipo de música escuta?
11. Como conhece ficantes/namoradas/os?
12. Que tipos de meninas/os prefere?
13. Está ficando ou namorando com alguém? Fale sobre essa pessoa (Quem é? O que faz? Como conhece?)
14. Como é tratado/a pela/o namorada/?
15. O que as/os amigas/os acham da relação?
16. O que as/os familiares acham da relação?
17. Como se sente na relação?
18. O que pensa da escola?
19. O que forma suas atitudes e opiniões?
20. Trabalha? O que faz no dia-a-dia?
21. Que espaços frequenta?
22. Quais são seus ídolos?
23. Como busca informações?
24. Com quem conversa sobre sexo?
25. Sofre algum tipo de violência?
26. Comete algum tipo de violência?
27. Que preconceitos tem?
28. O que gostaria de mudar no meio em que vive?
29. O que poderia fazer para mudar isso?
30. O que fazer para evitar violências?
31. Como se imagina daqui a 5 anos?

De acordo com o perfil, vocês poderão criar estratégias e mensagens que se comuniquem com mais eficiência com o grupo. Desenvolver mensagens é o passo que geralmente requer mais tempo e criatividade. **As mensagens de campanha que são positivas e orientadas à ação costumam ser mais atraentes e inspiradoras que aquelas que culpam as pessoas e/ou enfocam somente as consequências negativas.**

Depois de fazer o perfil, vocês podem mapear as influências e informações que as pessoas recebem sobre o tema da violência de gênero. O passo seguinte é o de definir quais mídias (ex.: rádio, revistas, "outdoors", cartazes, redes sociais) e canais sociais (ex.: amigas/os educadoras/es, celebridades locais) seriam mais estratégicos para alcançar o público com mensagens sobre modelos positivos, que promovem a prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes. Se tiver pouco dinheiro ou dinheiro nenhum para campanha, é preciso usar bastante a criatividade para alcançar as pessoas. Um passo importante é buscar parceiros que podem apoiá-lo, mas antes você precisa convencê-las/os sobre o apoio da mobilização de todos pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Dica: A campanha deve ir além da simples oferta de informações, mas tratar de normas e percepções relacionadas a comportamentos e assim permitir uma reflexão individual e coletiva sobre o tema.

Se quiser conhecer exemplos de algumas campanhas dê uma olhada nesses links:

<http://promundo.org.br/recursos/sem-vergonha/>

<http://promundo.org.br/2014/11/13/brincar-ajuda-jovens-e-pais-a-dialogarem-sobre-sexualidade/>

<http://promundo.org.br/2014/06/18/nao-e-curticao-e-exploracao/>

<http://promundo.org.br/recursos/voce-e-meu-pai/>



DICAS

Sites para visitar:

www.azminas.com.br

www.youtube.com/canaldasbee

www.ladobi.com.br

www.sapatomica.com

www.capitolina.com.br

Filmes para assistir:

ALMAS GÊMEAS

Direção: Peter Jackson, 1994

Sinopse: Filme baseado na história real de um assassinato numa época que era crime ser gay. Juliet é uma menina rica que se muda para a Nova Zelândia, onde conhece Pauline. Durante dois anos elas são amigas inseparáveis, até que Juliet fica doente e é internada. Pauline é acusada de homossexualidade e os pais proíbem que as duas continuem se encontrando. Então, as meninas planejam uma fuga frustrada e Pauline decide matar a mãe, mas o crime é descoberto e ambas são presas.

AS MELHORES COISAS DO MUNDO

Direção: Laís Bodanzky, 2010

Sinopse: Um adolescente de 15 anos está aprendendo a tocar guitarra para chamar a atenção de uma garota. Seus pais estão se separando, o que afeta tanto ele quanto seu irmão mais velho. Sua melhor amiga e confidente está apaixonada por um dos seus professores. Além do mais, ele passa a ser provocado por alguns colegas, pois o motivo da separação de seus pais é que seu pai assumiu um relacionamento gay. Seu irmão fica descontrolado e tenta suicidar-se. Em meio a estas situações, Mano precisa lidar com os colegas de escola em momentos de diversão e também sérios, típicos da adolescência nos dias atuais.

ASSUNTO DE MENINAS

Direção: Léa Pool, 2001

Sinopse: O filme se passa em um colégio interno onde duas garotas se apaixonam uma pela outra, mas tudo muda quando a irmã de uma delas descobre esse relacionamento.

AZUL É A COR MAIS QUENTE

Direção: Abdellatif Kechiche, 2013

Sinopse: Adèle é uma estudante do colegial, que começa a se relacionar com o jovem Thomas, mas não se sente completa ao lado dele. Ela então descobre, no azul dos cabelos de Emma, sua primeira paixão por outra mulher.

DELICADA ATRAÇÃO

Direção: Hettie Macdonald, 1996

Sinopse: No subúrbio londrino, Jamie e Ste são dois vizinhos e colegas de colégio. Ste mora com o irmão e o pai alcoólatra, que freqüentemente o espanca. Jamie mora com a mãe, que sensibilizada com os maus tratos ao vizinho, convida-o para ficar em sua casa, no quarto do filho. Mal sabe ela que daí vai surgir um caso de amor entre os dois garotos.

DESENROLA

Direção: Rosane Svartman, 2011

Sinopse: Priscila tem 16 anos e se acha uma garota normal demais, principalmente, quando repara em suas amigas. Quando sua mãe viaja a trabalho e ela fica sozinha em casa, decide que vai dar um jeito na sua caretice e vai fundo nessa ideia. Entre as muitas mudanças que pretende promover na sua vida, a virgindade parece ser uma das prioridades, mas será que a hora certa é agora? Embora esteja decidida em investir naquele que é mais galinha da turma para viver sua primeira experiência sexual, um trabalho em grupo na escola e uma viagem com amigos, podem mudar para sempre as suas expectativas porque ela descobre que nem tudo é exatamente como dizem e a verdade pode ser bem diferente da realidade.

DE REPENTE, NO ÚLTIMO VERÃO

Direção: Joseph L. Mankiewicz, 1959

Sinopse: Baseado numa peça de Tennessee Williams, é um filme sobre a frustrada tentativa de Violet de submeter sua sobrinha Catherine a uma lobotomia, com o fim de evitar que ela revele alguns segredos sobre o passado do seu filho assassinado. Violet contrata um neurocirurgião alegando que Catherine tem crises de loucura. Na verdade, o temor de Violet é que Catherine revele a homossexualidade de seu filho Sebastian. Ainda que se constitua no personagem central da trama, o rosto de Sebastian nunca é mostrado no filme. Em toda a filmagem, Sebastian aparece de costas e de longe. É considerado o primeiro filme comercial americano que traz um personagem homossexual.

EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO

Direção: Daniel Ribeiro, 2014

Sinopse: É um filme brasileiro de curta metragem dirigido por Daniel Ribeiro, de 2010. Leonardo, um adolescente deficiente visual que muda de vida totalmente com a chegada de Gabriel, um novo aluno em sua escola. Ao mesmo tempo que tem que lidar com os ciúmes da amiga Giovana, Leonardo vive a inocência da descoberta do amor entre dois adolescentes gays.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbl>

FLORES RARAS

Direção: Bruno Barreto, 2013

Sinopse: Ambientado no Brasil dos anos 50, o filme contará a história do relacionamento entre a poeta norte americana Elizabeth Bishop e a arquiteta brasileira Lota de Macedo Soares. Extremamente rico e, ao mesmo tempo, bastante conturbado, esse relacionamento rendeu frutos que são marcos artísticos universais: de um lado, a poética de Bishop, cujo auge ocorre exatamente no período em que a poeta morou no Brasil; de outro, a idealização e construção do Aterro do Flamengo, obra arquitetônica mundialmente conhecida, nascida do gênio delirante de Lota. Ao mesmo tempo, o filme será um passeio pela vida política, privada e pela história brasileira do Rio de Janeiro, na década de 50.

MAURICE

Direção: James Ivory, 1987

Sinopse: Após ser apresentado a Lord Risley em uma de suas aulas, Maurice Hall, jovem estudante de Cambridge, é convidado a participar de um clube privado de discussões. Em busca do local onde seria realizado o encontro, conhece Clive Durham, e os dois tornam-se imediatamente amigos inseparáveis. À medida que se tornam mais íntimos, ambos percebem que estão se apaixonando, mas evitam confessar a natureza de seus sentimentos, uma vez que a homossexualidade, além de socialmente condenada, ainda era considerada crime na Inglaterra no século XIX. Clive finalmente decide abrir-se com Maurice que, após reagir em um primeiro momento com repúdio, termina reconhecendo que sente-se igualmente apaixonado pelo amigo. Os dois jovens iniciam um romance.

MEDO DE QUE?

Produção: ECOS

Sinopse: Conta a história de um garoto que descobre que sente atração afetivo-sexual (obs: nova ortografia) por rapazes. Esse desenho animado sem falas é um convite à reflexão sobre os medos que interferem na vivência da sexualidade e um incentivo à busca de uma sociedade mais plural e solidária.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eQSIOWvFYU8>

MILK, A VOZ DA IGUALDADE

Direção: Gus Van San, 2008

Sinopse: Início dos anos 70. Harvey Milk é um nova-iorquino que, para mudar de vida, decidiu morar com seu namorado Scott em San Francisco, onde abriram uma pequena loja de revelação fotográfica. Disposto a enfrentar a violência e o preconceito da época, Milk busca direitos iguais e oportunidades para todas/os, sem discriminação sexual. Com a colaboração de amigos e voluntários (não necessariamente homossexuais), Milk entra numa intensa batalha política e consegue ser eleito para o Quadro de Supervisor da cidade americana de São Francisco em 1977, tornando-se o primeiro gay assumido a alcançar um cargo público de importância nos Estados Unidos.

MINHAS MÃES E MEU PAI

Direção: Lisa Choolodenko, 2010

Sinopse: Dois irmãos adolescentes, Jon e Laser, são filhos do casal homossexual Jules e Nic, concebidos através da inseminação artificial de um doador anônimo. Contudo, ao completar a maioridade, Joni encoraja o irmão a embarcar numa aventura para encontrar o pai biológico sem que as “mães” soubessem. Quando Paul aparece tudo muda, já que logo ela passa a fazer parte do cotidiano da família.

OS SONHADORES

Direção: Bernardo Bertolucci, 2003

Sinopse: Matthew é um jovem que, em 1968, vai estudar em Paris. Lá ele conhece os irmãos gêmeos Isabelle e Theo. Os três logo se tornam amigos, dividindo experiências e relacionamentos enquanto Paris vive a efervescência da revolução estudantil.

Leituras complementares:

ARILHA, Margareth; LEITE, Osmar; ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia; SIMONETTI, Vera. **Projeto H: sexualidade e saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Instituto Promundo; ECOS – Comunicação em Sexualidade; Salud y Género; International Planned Parenthood Federation Western Hemisphere Region (IPPF/WHR), 2001. (Caderno 1; Série Trabalhando com homens jovens). Disponível em: <http://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/12/Programa-H-Trabalhando-com-Homens-Jovens.pdf>

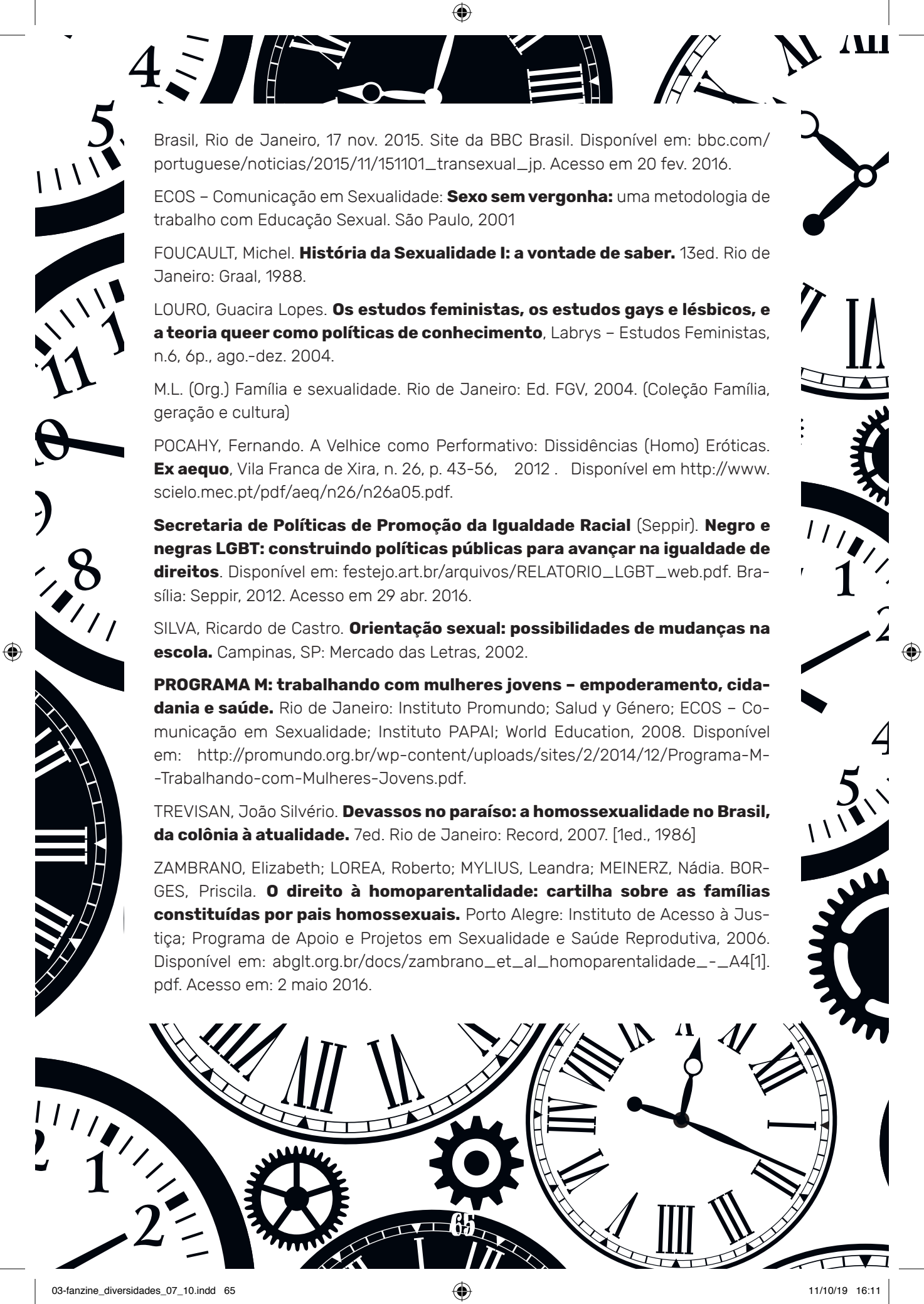
BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Ensaio Geral; 1)

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2004. (Família, geração, cultura)

CABRAL, Jacqueline Ribeiro. **Acervos iridescentes: representações e sentidos da diversidade sexual e de gênero no Arquivo Nacional**. 2015. 96f. Monografia (Bacharelado em Arquivologia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2015.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Silvia. **Política, direitos, violência e homossexualidade**. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho LGBT Rio 2004. Rio de Janeiro, CEPESC, 2005.

CUNHA, Gilmar. **“Gay da favela não usufrui de avanços. Ainda estamos lutando pela vida”**, diz ativista transexual [novembro de 2015]. Jefferson Puff. BBC



Brasil, Rio de Janeiro, 17 nov. 2015. Site da BBC Brasil. Disponível em: bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151101_transexual_jp. Acesso em 20 fev. 2016.

ECOS – Comunicação em Sexualidade: **Sexo sem vergonha: uma metodologia de trabalho com Educação Sexual**. São Paulo, 2001

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos, e a teoria queer como políticas de conhecimento**, Labrys – Estudos Feministas, n.6, 6p., ago.-dez. 2004.

M.L. (Org.) Família e sexualidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. (Coleção Família, geração e cultura)

POCAHY, Fernando. A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo) Eróticas. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 26, p. 43-56, 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n26/n26a05.pdf>.

Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). **Negro e negras LGBT: construindo políticas públicas para avançar na igualdade de direitos**. Disponível em: festejo.art.br/arquivos/RELATORIO_LGBT_web.pdf. Brasília: Seppir, 2012. Acesso em 29 abr. 2016.

SILVA, Ricardo de Castro. **Orientação sexual: possibilidades de mudanças na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

PROGRAMA M: trabalhando com mulheres jovens – empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Instituto Promundo; Salud y Género; ECOS – Comunicação em Sexualidade; Instituto PAPAI; World Education, 2008. Disponível em: <http://promundo.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2014/12/Programa-M-Trabalhando-com-Mulheres-Jovens.pdf>.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 7ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. [1ed., 1986]

ZAMBRANO, Elizabeth; LOREA, Roberto; MYLIUS, Leandra; MEINERZ, Nádia. BORGES, Priscila. **O direito à homoparentalidade: cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais**. Porto Alegre: Instituto de Acesso à Justiça; Programa de Apoio e Projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva, 2006. Disponível em: [abglt.org.br/docs/zambrano_et_al_homoparentalidade_-_A4\[1\].pdf](http://abglt.org.br/docs/zambrano_et_al_homoparentalidade_-_A4[1].pdf). Acesso em: 2 maio 2016.

SERVIÇOS:

REDE DE PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A escola é uma instituição que faz parte da rede de proteção e garantia dos direitos das crianças e adolescentes. Esta rede é composta não só pela Educação, mas também por outras instâncias e serviços dos campos da Saúde, Justiça, Assistência Social, Cultura, Esporte e Lazer.

Muitas vezes quando pensamos em um funcionamento em rede, imaginamos os serviços funcionando em uma estrutura pronta, esperando para serem acessados, com todos os seus procedimentos pré-definidos, desde a porta de entrada até as medidas e os encaminhamentos cabíveis. No entanto, na prática as/os profissionais da Educação percebem que o trabalho em rede é tecido por pessoas, se fortalecendo a cada contato, estando sempre em construção. O trabalho requer um investimento permanente que não se esgota no primeiro contato, mas na medida em que se trilha este caminho, o mesmo vai ganhando concretude. Cada situação é singular e, dado o contexto, a leitura dos sujeitos envolvidos vai delineando o caminho a ser construído.

É importante, no surgimento de uma situação de violência/violação, ter uma postura atenta e cuidadosa, buscando uma conversa prévia com as instituições parceiras e possíveis encaminhamentos com objetivo de discutir a situação a partir da construção de linhas de cuidados (pertinentes a cada parceiro) e esclarecendo aspectos importantes da situação. É neste contexto inicial que se começa a tecer a própria rede de proteção para cada caso. O encaminhamento por si só não garante a continuidade no acompanhamento, sendo necessário manter o diálogo permanente sobre as situações. Muitas vezes, isso gera certas tensões, que podem estar relacionadas ao modo como cada instituição entende ou pode oferecer determinado cuidado. A noção de cuidado é bastante ampla, não correspondendo muitas vezes ao nosso referencial acerca do que seja cuidar, ou ainda, pode acontecer em um tempo diferente do que possamos supor como ideal. É importante entender que essas diferenças fazem parte de um trabalho em rede.

Muitos serviços já estão acostumados a receber profissionais da educação para discutir casos que precisam ser acompanhados em rede e definir coletivamente as ações. Diversas são as maneiras disso acontecer. Na saúde, por exemplo, existem fóruns territoriais e supervisões de território (reuniões que envolvem vários parceiros), além da possibilidade de se marcar uma discussão específica.

Frente a situações de violência/violação de direitos de crianças e adolescentes, qualquer profissional da escola, pode buscar os seguintes parceiros que compõem a Rede de Garantia de Direitos:

NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO:

- Coordenadoria Regional de Educação – Instituição responsável pela orientação e acompanhamento das escolas.
- Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas (NIAP) – Trabalho realizado por Assistentes Sociais, Psicólogas/os e Professoras/es com objetivo de contribuir para o fortalecimento das equipes das Unidades Escolares de modo que se reconheçam e se consolidem como parte da rede de proteção à criança e ao adolescente.

NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL:

- Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade de atendimento socioassistencial de famílias. É o principal equipamento da Proteção Social Básica materializando a política de assistência social.
- Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) – Segue as normas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), funcionando como pólo de referência das ações de Proteção Especial de Média e Alta Complexidade e tem como foco fortalecer e potencializar as ações em benefício das famílias em situação de vulnerabilidade social.

NO ÂMBITO DA SAÚDE:

- CAPSi – Centro de Atendimento Psicossocial da infância e adolescência: Serviço de saúde mental voltados para o atendimento de crianças e adolescentes, composto por equipe interdisciplinar
- Equipes de Estratégia de Saúde da Família: a porta de entrada é a atenção básica.
- Hospital Geral – Em caso de emergência de saúde.
- Postos e Clínica da Família – Atendimento ambulatorial

NO ÂMBITO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL:

- Conselho Tutelar da área – É um órgão autônomo para garantia de direitos da criança e do adolescente. É constituído por uma equipe técnica de psicólogas/os, assistentes sociais e pedagogas/os, além das/os conselheiras/os, que estão aptas/os a receber as/os profissionais da escola.

Indicamos duas ferramentas que estão disponíveis para uso público em casos de violação de direitos, tais como: O aplicativo Proteja Brasil, que localiza os serviços de encaminhamento próximo de quem o está utilizando, além de trazer informações pertinentes sobre os diferentes tipos de violação e o Disque 100, que é uma possibilidade de comunicação anônima de denúncia e/ou pedido de ajuda.

Em anexo neste volume pode encontrar uma lista de contatos de diversos serviços de assistência aos quais pode recorrer e que pode inclusive compartilhar com seus colegas e alunos, ou mesmo afixar na sua sala de aula, espaço de oficina ou outro local com boa visibilidade para que mais pessoas tenham acesso a essa informação.

**EU SOU,
TU ÉS, NÓS
SO(MA)MOS.**



FECHAMENTO

A discussão e todas as atividades deste volume estão relacionadas com as temáticas que abordam a diversidade sexuais e suas particularidades. Porém, isso não quer dizer que este tema pode ser abordado completamente isolado de outras questões. A escolha por essa abordagem foi para manter a discussão didática, leve e flexível. Nos demais volumes você poderá encontrar outras discussões, como também poderá articular vários temas ao mesmo tempo.

Caso você queira ler sobre Violências e seus desdobramentos, vá para o Volume 4: *Violência(s) e suas particularidades*. Se você quiser dar uma olhada no que falamos sobre temas que dizem respeito à comunicação e relacionamentos, vá para o Volume 5: *Compartilhando, curtindo e comentando: a dinâmica dos relacionamentos*.

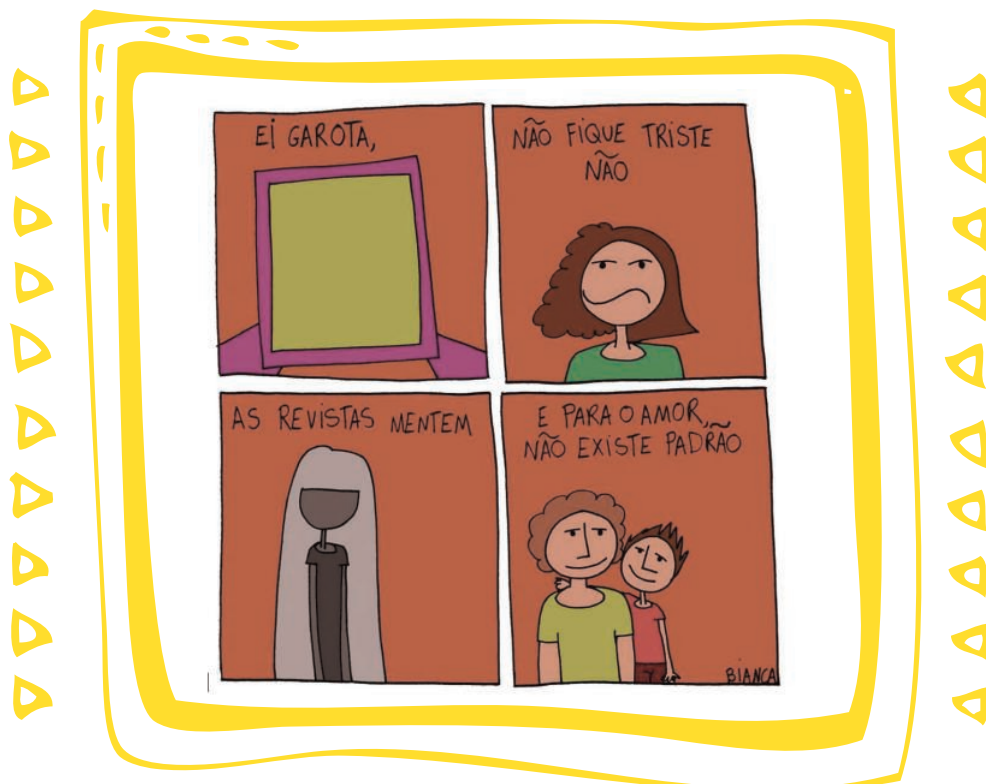
Não deixe também de explorar o Volume 1: *Trabalhando a coletividade* e o Volume 2: *O que esperam de nós?*

E aí? Quais são suas expectativas depois de passear por esse material? Você acha que é possível construir novas expectativas?

Nós sabemos que não é nada fácil fazer construir uma nova concepção acerca do mundo e como é difícil transformar a sociedade visando relações mais igualitárias entre as pessoas. Porém, este é o desafio das desconstruções: tentar reinventar-se e dar um empurrãozinho na reinvenção da sociedade. Afinal, toda a mudança começa por nós mesmas/os.

Fazer um novo passeio em um lugar não tão comum, um lugar que não estamos habituadas/os a estar pode ser interessante e transformador. Siga em frente, você não está sozinha/o!

Cores #22



GLOSSÁRIO

Abuso sexual de crianças e adolescentes - É a utilização do corpo de uma criança ou adolescente por um adulto, com intencionalidade sexual. O abuso sexual acontece com ou sem o uso de violência física, através de sedução, chantagem, ameaça ou mentiras, baseada numa relação desigual. Consiste em um ato ou jogo sexual em que o/a autor da violência está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais avançado que a criança ou adolescente. Geralmente, este adulto tem uma relação de afeto, confiança, parentesco e autoridade com a criança ou adolescente, o que, muitas vezes, faz com que a vítima se cale e obedeça aos pedidos feitos pelo/a abusador/a. Ocorre em lugares considerados mais seguros, como casa, escola e igreja.

Além das formas de abusos COM contato físico (carícias, tentativas de obter relação sexual, masturbação, sexo oral, vaginal ou anal), há aquelas SEM contato físico. Aqui lembramos de práticas de abuso sexual que, às vezes, não são reconhecidas¹⁹:

- **Voyerismo** - Ato de observar relações ou órgãos sexuais de outras pessoas quando elas não desejam ser vistas, no qual o/a observador/a obtém satisfação sexual com essa prática.
- **Exibicionismo** - Ato de mostrar os órgãos genitais ou se masturbar em frente a crianças ou adolescentes ou dentro do campo de visão deles.
- **Abuso sexual verbal/telefonemas obscenos** - Pode ser definido por conversas sobre relações sexuais destinadas a despertar o interesse sexual da criança ou adolescente.

Assédio sexual - Caracteriza-se pelo ato de uma pessoa, que tenha um cargo ou uma posição superior, constranger outra pessoa a prestar favores sexuais. Manifesta-se por meio de propostas indecorosas, falas obscenas e pressão para ter relações sexuais sem que o outro deseje, mas que, no entanto, se sinta constrangido em reagir ou se defender por se encontrar em uma posição ou cargo inferior ao do/a agressor/a.

Bissexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas de ambos os gêneros.

¹⁹ Fonte: BRASIL. SDH. MEC. Guia escolar: métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: SDH e MEC, 2004, p.30. Disponível em: http://www.mpdf.t.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Publicacoes/Guia_Escolar.pdf

Cisgênero - É o termo utilizado para se referir às pessoas que se identificam (se reconhecem) com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Isto significa que, se uma pessoa foi marcada como mulher no nascimento e se ela se reconhece como mulher ao longo de sua vida, é uma mulher cisgênero²⁰.

Coação sexual - Ato de pressionar uma pessoa para obter favores sexuais ou qualquer conduta física ou verbal de natureza sexual.

Construção social - É a formação de normas, significados, valores, símbolos sociais e regras empreendidas pela sociedade, com base em práticas tanto individuais, quanto sociais de cada pessoa. Esse movimento é contínuo, uma vez que a sociedade redefine e renegocia essas questões constantemente.

Contracepção de emergência - Contracepção de emergência é um recurso contraceptivo feito à base de doses de hormônios que impedem a ovulação, a fecundação do óvulo pelos espermatozoides e a implantação do óvulo no útero, impedindo o início da gravidez. A contracepção de emergência não é um método abortivo e precisa ser feita até 72 horas após a relação sexual. É um recurso emergencial que pode evitar uma gravidez não planejada.

Desigualdade - Diz respeito a uma circunstância que privilegia algo ou alguém em relação ao outro. As circunstâncias que privilegiam alguns são construídas socialmente, sendo muitas vezes associada a ideia de injustiça.

Desigualdade social - Considera que existem processos relacionais na sociedade que têm o efeito de limitar ou prejudicar o status de um determinado grupo, classe ou círculo social, não se verificando um equilíbrio no padrão de vida dos seus habitantes, seja no âmbito econômico, escolar, profissional, de gênero, entre outros. A desigualdade social é uma porta para outros tipos de desigualdades, como a desigualdade de gênero, desigualdade racial, desigualdade regional, entre outras.

Desigualdade de gênero - A questão da desigualdade entre homens e mulheres é um fator histórico. É possível perceber que desde a Antiguidade a mulher é tratada como ser inferior ao homem devido a diversas crenças religiosas que legitimavam tal perspectiva e que permeavam os costumes sociais. Apesar das mulheres cada vez cada vez mais se posicionarem em cargos de chefias em diversas empresas do Brasil e do mundo, assumindo e reafirmando sua posição social, na grande maioria dos casos, elas possuem uma jornada dupla de trabalho, na qual trabalham fora e, além disso, devem também trabalhar em casa. Este tipo de naturalização se configura como uma grande desigualdade.

Desigualdade racial - Toda e qualquer disparidade socioeconômica sistemática e persistente com base na raça ou cor de pele não-branca com mecanismos de sustentação através do tempo. No caso brasileiro, a desigualdade racial tem origem no regime de escravidão e perdura até os dias atuais por meio da exploração por parte de pessoas brancas em relação a pessoas negras e indígenas. Essa desigualdade se reflete no acesso a bens, serviços, oportunidade e como as relações sociais se estabelecem.

20 Ver Pessoas Trans

Educação de pares - É a troca de saberes entre semelhantes, ou seja, entre pessoas ou grupos que têm o mesmo perfil e compartilham as mesmas vivências, o que facilita o intercâmbio de conhecimentos e práticas.

Empoderamento - Palavra que vem do inglês "empowerment", utilizada em movimentos sociais, para falar do processo de conquista, avanço e superação por parte de um grupo ou indivíduo, sujeito ativo do processo, que vivia uma situação de opressão.

Equidade de gênero - Processo de justiça entre as relações de gênero. Processo que leva à igualdade, através de medidas que compensam as desvantagens sociais e históricas e consideram as diferentes necessidades para que homens e mulheres possam gozar do mesmo status e tenham condições de alcançar suas aspirações.

Estereótipos - Generalização abusiva que distorce a realidade. Um exemplo é representar as mulheres sempre como esposas e mães, desconsiderando que elas trabalham, que não necessariamente se casam e querem ter filhos, e que têm vida social ativa. Outro é representar os homens sempre como chefes de família e incapazes de cuidar dos/as filhos. Os estereótipos de gênero apresentam as diferenças entre o comportamento de homens e mulheres como se fossem qualidades e fraquezas inerentes a cada gênero, ou seja, de nascença, de natureza.

Estigma - No contexto social, o estigma é considerado um processo de desvalorização, produzindo e reforçando desigualdades sociais já existentes, tais como aquelas relacionadas a raça, classe, gênero e orientações sexuais.

Estupro - Um ato violento que utiliza da força como meio de impor uma relação sexual não consentida. A pena de reclusão varia de 6 a 10 anos de prisão. Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA)- É o ato de submeter crianças e adolescentes à relações sexuais não consentidas visando remuneração ou troca de favores, que podem ser direcionados à própria criança ou adolescente, à sua família ou ainda aos agenciadores deste tipo de trabalho sexual. Esta violência abarca: a exploração, o comércio do sexo, a pornografia infantil ou a exibição de espetáculos sexuais públicos ou privados.

Feminilidade - Se refere às características e comportamentos considerados por uma determinada cultura como associados ou apropriados a mulheres.

A feminilidade nos homens tal qual a masculinidade nas mulheres, é normalmente considerada negativa por agir contra os papéis tradicionais. Um estereótipo comum para homens homossexuais é de que são afeminados, em que exageram em comportamentos femininos.

Feminismo - É um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens, que se começou a popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX a partir da luta pela regulamentação do voto feminino.

O feminismo, como muitos pensam erroneamente, não é um movimento sexista, ou seja, que defende a figura da mulher sobre o homem, mas sim uma luta pela

equidade entre ambos os gêneros. Atualmente, não são apenas as mulheres que se intitulam ou compartilham de pensamentos feministas, existindo homens que partilham da mesma visão de liberdade e direitos igualitários entre os sexos.

Gay - Homem que se relaciona afetiva e sexualmente com outros homens e se reconhece como tal.

Gênero - Refere-se aos comportamentos, atitudes, crenças, papéis relacionados ao que é ser homem ou mulher, aprendidos através da família, dos amigos, instituições culturais e religiosas, meios de informação, enfim, através de todas as relações estabelecidas pelos indivíduos.

Heterossexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas do gênero oposto.

Homofobia - É um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, conseqüentemente, contra a homossexualidade. Pode também incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação contra homossexuais. O termo homofobia pode estar relacionado a homens gays e a mulheres, sendo que para mulheres lésbicas costuma-se utilizar lesbofobia por questões de visibilidade.

Homossexualidade - Atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo gênero.

Homossexuais - Homens ou mulheres que possuem atração sexual ou afetiva por pessoas do mesmo sexo. O movimento de mulheres lésbicas prefere utilizar o termo lésbica para dar mais visibilidade a esse grupo e suas particularidades.

Igualdade de gênero - Significa que qualquer pessoa, independentemente do gênero com o qual se identifica goza do mesmo status, ou seja, compartilhar das mesmas oportunidades e condições para realizar os seus direitos e potenciais humanos e contribuir com todas as esferas da sociedade (econômica, política, social e cultural) e se beneficiar delas.

Interseccionalidade - É um conceito/prática que funciona como uma ferramenta que leva em consideração a existência de várias experiências que passam por subordinações das quais uma pessoa pode estar sujeita ao mesmo tempo, demonstrando que as opressões não são independentes, mas inter-relacionadas.

Intersexual²¹ - Pessoas que podem ter características sexuais incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais que podem dificultar a identificação de uma pessoa como totalmente mulher ou homem. É comum que as pessoas acreditem que devam ser feitas cirurgias "reparatórias" em crianças intersexuais, contudo, é necessário destacar que a intersexualidade tem a ver como você se percebe em relação ao seu gênero, ou seja, é a própria pessoa intersexual que deve escolher seu gênero.

Lésbicas - Mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres.

LGBTI - Movimento social de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais.

21 Para saber mais: <http://transfeminismo.com/dez-ideias-falsas-sobre-pessoas-intersexo/>

Machismo – É o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de uma pessoa que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros, favorecendo e enaltecendo o masculino sobre o feminino. Ou seja, é a ideia errônea de que os homens são “superiores” às mulheres.

O machismo está impregnado nas raízes culturais da sociedade há séculos, tanto no sistema econômico e político mundial, como nas religiões, na mídia e no núcleo familiar, este último apoiado em um regime patriarcal onde a figura masculina representa a liderança.

Misoginia – Ódio ou aversão às mulheres

Opressão – Efeito negativo experimentado por pessoas que estão em uma posição de subjugação na sociedade ou em um grupo social.

Orientação sexual – É a atração que temos por uma ou várias pessoas tanto no âmbito afetivo, como sexual. Os seres humanos podem, legitimamente, se interessar pelo gênero oposto, pelo mesmo gênero ou ainda por ambos os gêneros. Serão respectivamente heterossexuais, homossexuais (gays e lésbicas) ou bissexuais.

Preconceito – Um conceito elaborado antes mesmo de uma constatação dos fatos. Utiliza-se de características encaradas como universais, buscando atribuí-las a todo e qualquer sujeito. Porém, quando isto não ocorre, a pessoa é vista de forma negativa, podendo chegar a ser excluída de espaços.

Pornografia infantil – Produção, reprodução, direção, fotografia, filmagem ou registro, por qualquer meio, de cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente. A pena de quatro a oito anos de prisão e multa, atinge também quem agencia, facilita, recruta, coage, contracenou ou de qualquer modo intermedeia a participação de criança ou adolescente nesse tipo de situação.

Racismo – É um ato de discriminar as pessoas baseado na raça ou cor da pele e tem como finalidade a diminuição ou a anulação dos direitos humanos das pessoas discriminadas. É uma forma de exercício de poder opressivo. O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas e/ou psicológicas à “raça” e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas. Historicamente o racismo tem servido para justificar uma série de genocídios (crimes contra a humanidade e diversas formas de dominação das pessoas).

Rede de proteção – União de pessoas, entidades e serviços em prol da garantia dos direitos da criança e do adolescente. A família, a escola e a comunidade podem atuar de modo conjunto e complementar a fim de proteger a criança.

Sexo – Refere-se aos atributos e características biológicas (genitália).

Sexualidade – É a expressão dos nossos sentimentos, pensamentos e desejos que incluem a atração afetiva/sexual por outras pessoas.

Socialização – É o processo pelo qual o ser humano aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, podendo corresponder as normas do contexto

social em que vive ou passar por sanções/constrangimentos ao rejeitar a imposição de certas normas sociais.

Tráfico de crianças e adolescentes – Essa prática criminosa promove a saída ou entrada de crianças e adolescentes do território nacional, estadual ou municipal para inseri-las no mercado do sexo. Em 2004, o Brasil tornou-se signatário do Protocolo Facultativo para a Convenção sobre os Direitos da Criança relativos à Venda de Crianças e Pornografia Infantil. Um ano depois o País incluiu no Código Penal o artigo 231-A, passando a tipificar como crime o tráfico interno de pessoas para fins sexuais.

Tráfico de mulheres – São as atividades que envolvem o recrutamento e o deslocamento para trabalhos ou serviços, dentro ou fora das fronteiras nacionais, por meio de violência ou ameaça de violência, abuso de autoridade ou posição dominante, cativo por dívida, fraude e outras formas de coerção. O tráfico de pessoas tem como o objetivo a exploração, trabalhos forçados, servidão doméstica, escravidão ou práticas similares à escravidão ou, ainda, a doação involuntária de órgãos para transplante.

Transfobia – É um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra pessoas trans.

Pessoas Trans²² – São pessoas que não estão de acordo com o gênero indicado no nascimento. Ou seja, de uma forma geral o médico anuncia antes mesmo do nascimento se será uma menina ou um menino. Uma pessoa trans não está de acordo com gênero que lhe foi atribuído. Por exemplo, se ao nascer o gênero indicado foi masculino, mas ao crescer esta pessoa entende-se como mulher, trata-se de uma mulher trans. O movimento de travestis e transexuais no Brasil conseguiu conquistar alguns direitos nos últimos anos, como por exemplo, a Portaria MS nº 1.820 para o uso do nome social no SUS. Contudo, uma das maiores lutas desse movimento é pelo fim da patologização das identidades trans. É importante destacar que o Brasil é um dos países que mais mata pessoas trans e a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, sendo que uma pessoa que não é trans tem expectativa de 78 anos.

Durante muito tempo houve uma forte diferenciação entre travestis e transexuais, atribuindo as pessoas transexuais uma ideia de que todas gostariam de fazer cirurgia de redesignação sexual, entre outras coisas. Contudo, hoje o movimento de travestis e transexuais, além do movimento transfeminista, entende que cada pessoa deve identificar-se da forma que quiser, não impondo uma diferenciação entre travestis e transexuais do ponto de vista médico ou psicológico.

Violência – É um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação a outra pessoa ou ser vivo. Tal comportamento pode ferir a autonomia, integridade física ou psicológica e até mesmo a vida de outro. É o uso de força contra uma pessoa.

22 Ver Cisgênero

Violência doméstica contra crianças e adolescentes – Fenômeno que ocorre dentro da família, caracterizado por maus-tratos ou abuso (físico, psicológico, sexual e trabalho infantil doméstico) e negligência, tendo o ambiente familiar como local de práticas violentas.

Violência psicológica – Inclui humilhação, ameaça, insulto, como por exemplo, pressionar o/a parceiro/a, além de expressões de ciúme ou de posse, tais como o controle das decisões e das atividades. É a forma de violência mais difícil de ser identificada.

Violência física – Uso da força física contra alguém. Pode incluir ações como bater, dar um tapa, empurrar, etc.

Violência institucional – É resultante da falta de acesso aos serviços necessários que as pessoas que vivenciam situações de violência têm direito. Pode se caracterizar também pela má qualidade ou inadequação do atendimento desses serviços, que representa mais uma agressão a pessoas que buscam assistência depois de serem agredidas.

Violência moral – Qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Violência patrimonial – Qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos.

Violência sexual – É qualquer ato sexual não consentido ou a tentativa de obtê-lo por meio da intimidação psicológica, emocional ou força física. Considera-se violência sexual, também, qualquer conduta que constranja uma pessoa a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade; que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez ou ao aborto, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; limitando ou anulando o exercício de seus direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Virilidade – Culturalmente, o estereótipo de virilidade está relacionado com o comportamento masculino; seja sexualmente, psicologicamente ou fisicamente. Dessa forma, o homem viril, musculoso, com aparência peluda, com voz grave e um forte desempenho sexual permanecem como um modelo de homem ideal.

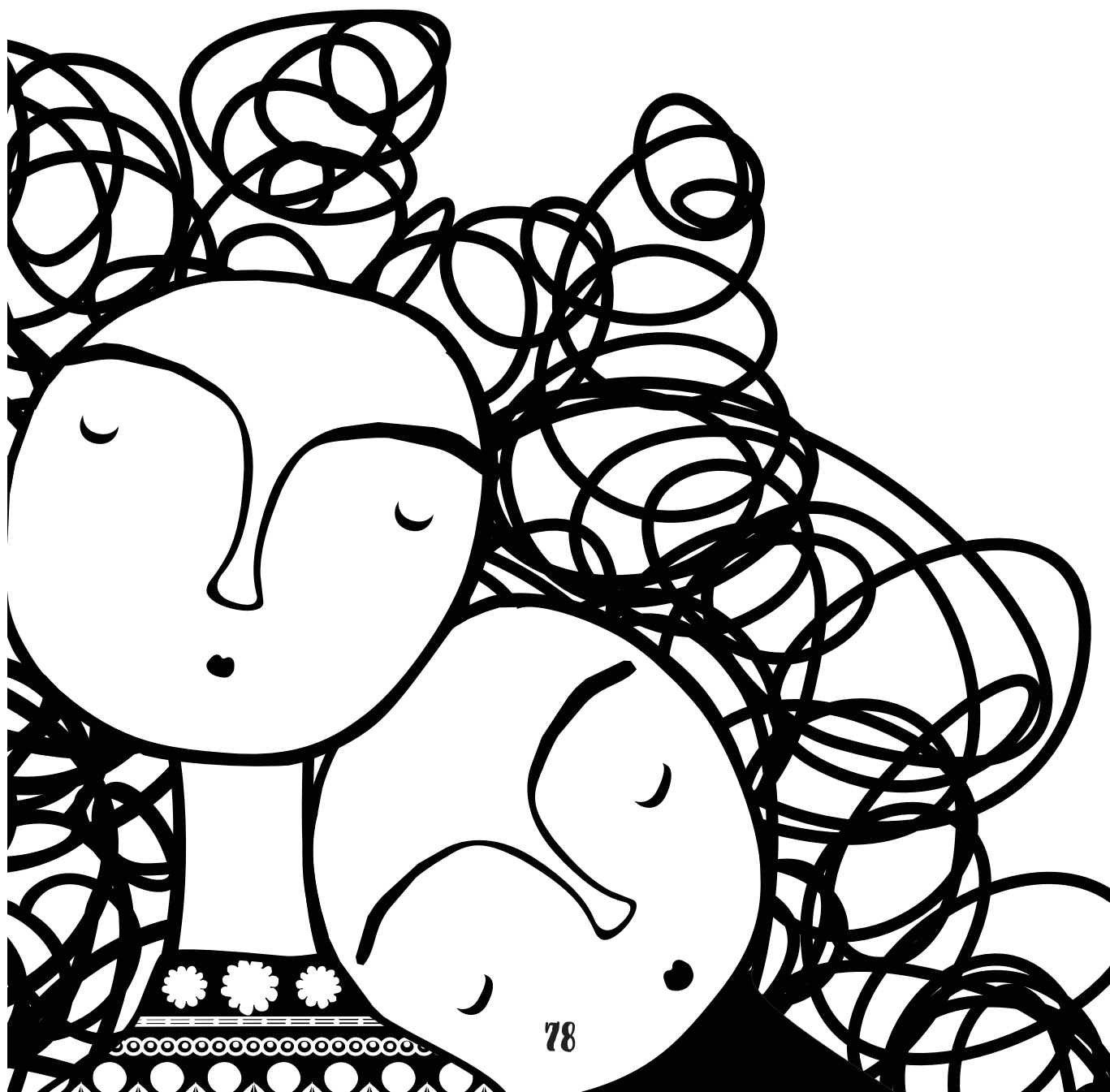
Vulnerável – Trata-se da designação de “grupos ou indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadania”. Segundo o artigo 217 A – Lei nº 12.015/09, vulnerável é o conjunto de pessoas que por questões ligadas a gênero, idade, condição social, deficiência, orientação sexual, raça, regionalidade, religião, entre outras, tornam-se mais suscetíveis à violação de seus direitos.

Vulnerabilidade social – Diz respeito às situações de menos privilégios sociais. Podemos perceber, por exemplo, os aspectos em nossa sociedade que podem funcionar como uma barreira à prevenção e ao autocuidado: nem todos os/as jovens têm acesso à informação e a serviços de saúde específicos; as mulheres ain-

da têm muita dificuldade para negociar o uso da camisinha com seus parceiros; a divulgação da distribuição de preservativos e outros métodos contraceptivos é insuficiente, como também, há o estigma sobre quem busca por estes métodos contraceptivos; o número de programas de prevenção e de atendimento a adolescentes vítimas de violência ainda é muito pequeno.

Referências Bibliográficas

Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de Conteúdo – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009



ALGUNS SERVIÇOS DE APOIO NO RIO DE JANEIRO:

NAVIS – Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência

Rua dos Inválidos 152 – Centro – Rio de Janeiro | Telefone: 3399-3837 |

Atendimento: 2ª a 6ª feira de 9h às 18h; sábado de 9h às 17h

NÚCLEO ESPECIALIZADO NO ATENDIMENTO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA (NUDEM)

Av. Marechal Câmara 314/térreo – CEP 20020-080 | Telefone: (21) 2299-2272 | Referência: Perto da Santa Casa | Atendimento: 1º atendimento 2ª e 5ª feira M/T

Linha 180 – Central de Atendimento à Mulher – Serviço Nacional

Ligue: 180

O número 180 é uma linha telefônica a nível nacional criada pela Secretaria Especial de Política para as Mulheres (SPM) do Governo Federal. Este número pode ser acessado em todo território nacional.

Disque Mulher

Telefone: (21) 2299-2121 | Atendimento: de 2ª a 6ª feira de 9 às 17h

Ouvir Mulher (RJ)

Telefone: (21) 2503-4622 | Atendimento: 2ª a 6ª feira de 8h às 17h

Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher no Estado do Rio de Janeiro (DEAM)

Todas as DEAMs estão subordinadas à Divisão de Polícia de Atendimento à Mulher (DPAM) – Coordenadoria das

DEAMs. | Rua da Relação 42/11º andar – Centro – Rio de Janeiro | Telefone: (21) 3399-3060

Número de Telefone das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher

DEAM LEGAL-RIO (CENTRO)

Rua Visconde de Rio Branco 12 – Praça Tiradentes | CEP 20060-080 | Telefone: (21) 3399-3370, 3399-3377, 3399-3373 e 3399-3379 | Referência: Praça Tiradentes

DEAM-CAXIAS

Rua Tenente José Dias 344 – Centro – CEP 25110-305 | Telefone: (21) 3399-3710, 3399-3708 | Telefone:/fax (21) 2671-7757 | Referência: Em frente ao Colégio Santo Antônio

DEAM-NOVA IGUAÇU

Rua Joaquim Sepa 180 – Marco 2 – CEP 26261-100 | Telefone: (21) 3399-3720, 3399-3721 e 2667-4121 | Telefone:/fax (21) 3399-3718 | Referência: Dois pontos de ônibus depois da Faculdade de Nova Iguaçu

DEAM LEGAL-OESTE

Av. Maria Tereza s/nº – Campo Grande – CEP 23050-160 | Telefone: (21) de 3399-5710 até 3399-5718 | Referência: Pegar entrada para Estrada do Mendanha na Av. Brasil. Próximo ao Hospital Rocha Faria; ao lado da 35ª DP

DEAM-NITERÓI

Av. Ernani do Amaral Peixoto 577 – Ni-

terói | CEP 24020-073 | Telefone: (21) 3399-3700, 3399-3701, 3399-3698 e 3399-3703 | Referência: Em frente ao Fórum, no prédio da 76ª DP

DEAM-SÃO GONÇALO

Av. 18 do Forte 578 - Mutuá - CEP 24635-000 | Telefone: (21) 3399-3730, 3399-3733 e 3399-3731 | Referência: Após o Clube Mauá, primeira rua à direita, ao lado da 72ª DP.

DEAM LEGAL-BELFORD ROXO

Av. Retiro da Imprensa 800 - Belford Roxo | Nova Pian - CEP 26112-180 | Telefone: (21) 3399-3980 e 3399-3985 | Referência: Após o Habib's primeira à direita e primeira à esquerda. Ao lado da 54ª DP

DEAM LEGAL-JACAREPAGUÁ

Rua Henriqueta 197 - Tanque - CEP 22735-130 | Telefone: (21) 3399-7580, 3399-7581, 3399-7585 e 3399-7587 | Telefone:/fax (21) 3392-2186 | Referência: Rua do Posto de Saúde, do Corpo de Bombeiros e da Cedae. Ao lado da 41ª DP

DEAM-VOLTA REDONDA

Avenida General Newton Fontoura 540 | Aterrado Nossa Senhora das Graças | Telefone: (24) 3399-9140, 3399-9141 e 3399-9142 - Telefone:/fax (24) 3399-9148 | Referência: Rua atrás da 93ª DP

ABRIGOS DE ATENÇÃO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Os Abrigos de atenção às mulheres que sofreram violência doméstica são locais que podem ser acessados pelas vítimas que estão em situação de risco de vida. Nestes espaços as mulheres também podem levar seus

filhos e filhas. Os endereços não são divulgados com o intuito de proteger as vítimas.

Casa Abrigo Maria Haydée Pizarro Rojas - Rio de Janeiro

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através do Rio Mulher | Telefone: (21) 2222-0861 ramais 205, 206, 228 e 231

Casa Abrigo Lar da Mulher - Rio de Janeiro

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através do Disque Mulher | Telefone: (21) 2299-2121

Casa Abrigo Deiva Rampini - Volta Redonda

Atendimento: 24 horas | Encaminhamento: através da Casa Berta Lutz | Telefone: (24) 3345-4444 - Ramal: 268

Casa da Mulher Benta Pereira - Campos de Goytacazes

Atendimento: 24h | Encaminhamento: através do NIAM | Telefone: (22) 2735-3925

SERVIÇOS DE SAÚDE COM FOCO NO ATENDIMENTO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Instituto Municipal da Mulher Fernando Magalhães

O Instituto da Mulher Fernando Magalhães atende as mulheres que foram vítimas de violência sexual e é uma instituição que realiza o aborto previsto em lei.

Rua General José Cristino 87 - São Cristóvão | CEP 20921-400 | Telefone: (21) 2580-8343 - Ramal: 231 e 2580-1132 | Atendimento: 24 horas | Referência: Perto do Campo de São Cristóvão

SOS Mulher – Centro de Atenção à Mulher Vítima

Rua do Prado 325 – Santa Cruz – CEP 23555-012 | Telefones: (21) 2299-7809, 2299-7810, 2299-7811, 2299-7812 | Referência: Perto da estação de Santa Cruz | Atendimento: 24 horas

Hospital Geral de Nova Iguaçu (Hospital da Posse)

Av. Henrique Duque Estrada Mayer 953 – Posse | Nova Iguaçu – CEP 26030-380 | Telefones: (21) 3779-9900 ramal 245 Tel/fax (21) 2667-4152 | Atendimento: 24 horas

Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP)

Rua Marques do Paraná 303 – Centro – Niterói | CEP 24030-210 | Telefone: 2629-9070

Hospital Maternidade Alexander Fleming

Rua Jorge Schmidt 331 – Marechal Hermes | CEP 21610-345 | Tel (21) 2450-2580 e 2450-2007 (Gabinete) | Atendimento: 24 horas | Referência: Próximo à Comlurb e à 30ª DP

Unidade Integrada de Saúde Herculano Pinheiro

Av. Ministro Edgard Romero 276 – Madureira | CEP 21360-200 | Telefone: (21) 3390-0180 e 3390-8374 | Atendimento: 24 horas | Referência: Em frente ao Mercado de Madureira

Hospital Maternidade Carmela Dutra

Rua Aquidabã 1.037 – Lins de Vasconcelos | CEP 20720-290 | Telefone: (21) 2597-3552 e 2269-5446 (gabinete) | Atendimento: 24 horas | Referência: Paralela à Rua Dias da Cruz

Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth

Praça XV de Novembro 4 fundos – Centro | CEP 20010-010 | Telefone: (21) 2507-6001 e 2224-3875 | Atendimento: 24 horas | Referência: Perto da estação das barcas

Hospital Municipal Lourenço Jorge

Av. Ayrton Senna 2.000 – Barra da Tijuca | CEP 22775-000 | Telefone: (21) 3111-4600, 3111-4603 e 3111-4607 | Atendimento: 24 horas | Referência: Atrás do BarraShopping

Hospital Municipal Miguel Couto

Rua Mário Ribeiro 117 – Gávea – CEP 22431-000 | Telefone: (21) 3111-3800, 3111-3711 e 3111-3712 | Referência: Em frente ao estádio do Flamengo

Hospital Municipal Paulino Werneck

Estrada do Cacuia 745 – Ilha do Governador | CEP 21921-001 | Telefone: (21) 3111-7700 / 3111-7705

Hospital Municipal Salgado Filho

Rua Arquias Cordeiro 370 – Méier – CEP 20770-000 | Telefone: (21) 3111-4100 e 3111-4101 | Referência: Próximo à estação de trem

Hospital Municipal Souza Aguiar

Praça da República 111 – Centro – CEP 20211-350 | Telefone: (21) 3111-2630 e 3111-2601 | Referência: Em frente ao Campo de Sant'Ana

Atendimento e Informações às Mulheres Soropositivas (HIV/Aids)

Hospital Universitário Pedro Ernesto/Grupo Parceiros da Vida

Boulevard 28 de Setembro 87/5º andar – Vila Isabel | CEP 20551-030 | Anfiteatro-Setor de Ginecologia | Telefone:

2587-6153, 2587-6157 e 2587-6506
| Reuniões toda primeira 5ª feira do
mês, das 14h às 16:30h

Disque Saúde

Ligue 0800-611997. | Orientações
sobre saúde e informações sobre
DST/Aids. | Atendimento: 2ª a 6ª feira
das 8h às 18h

Centro de Referência em Direitos Humanos para Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexu- ais e Aliados

*Serviço prestado pela Sociedade Civil
em parceria com a Secretaria de As-
sistência Social e Direitos Humanos.*

Av. Rio Branco 131 - 16º andar - Cen-
tro - Rio de Janeiro | CEP 20040-
006. | Telefone: 3399-1304 / 3077-
9116 | Atendimento: 2ª a 6ª feira, das
10h às 18:30h

FUNDAÇÃO PARA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (FIA)

*Órgão do Governo do Estado do Rio
de Janeiro, que presta os seguintes
serviços:*

• Programa de Atenção à Crian- ças e Adolescentes Vítimas de maus tratos

Telefone: (21) 2293-2099, 3971-1902
e 2293-0958

• Disque-Denúncia "Combate à Exploração Sexual"

Telefone: (21) 2504-1688

• SOS Criança Desaparecida

Telefone: (21) 2286-8337, 2299-
1434, 2286-7631 e 2226-6375 | sos-
criancasdesaparecidas@fia.rj.gov.br

• Programa Procuo Minha Família

*Ajuda a localizar parentes de pesso-
as que estão ou estiveram abriga-
das em instituições públicas*

Telefone: (21) 2579-2154, 2299-1470
e 2527-0598 | Rua Voluntários da
Pátria 120 - Botafogo | CEP 22270-
010 | Atendimento: 2ª a 6ª feira, das
9h às 18h. | www.fia.rj.gov.br

• Disque Denúncia de abuso, ex- ploração sexual praticados con- tra crianças e adolescentes

Telefone: 0800-990500 | Atendi-
mento: 2ª a 6ª feira, das 8h às 18h

Instituto ProMundo

*O Instituto Promundo é uma organi-
zação não-governamental que bus-
ca prevenir a violência contra mu-
lheres, crianças e jovens no Brasil e
no mundo.*

Rua da Lapa, 161, sobrado | Cen-
tro - Rio de Janeiro - Brasil | Cep.
20021.180 | Telefone/Fax: +55 (21)
2544-3114 | e-mail: [promundo@pro-
mundo.org.br](mailto:promundo@pro-mundo.org.br)



Textos

Thayz Athayde
Rafaela Cotta
Linda Cerdeira

Equipe Instituto Promundo

Danielle Araújo - Pesquisadora Sênior
Danielle Lopes - Coordenadora de Projetos
Elisabete Pessanha - Consultora
Linda Cerdeira - Coordenadora de Projetos Sênior
Milena do Carmo - Coordenadora de Projetos
Mohara Valle - Consultora de Comunicação

Programação visual

REC Design

Financiamento

United Nations Trust Fund

Projeto desenvolvido em Cooperação com o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com a colaboração do Núcleo de Atendimento à Violência.

